

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**A INFLUÊNCIA EVANGÉLICA NA SOCIEDADE
ANAPOLINA**

JOÃO MARCOS FEITOSA

GOIÂNIA

2002

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

A INFLUÊNCIA EVANGÉLICA NA SOCIEDADE ANAPOLINA

MESTRANDO

João Marcos Feitosa

ORIENTADOR

Marcos Silva Silveira

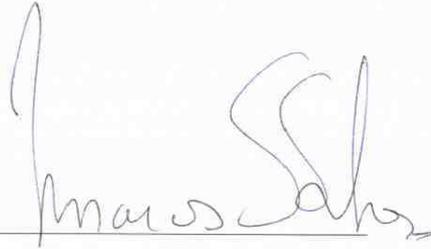
Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Ciências da Religião
como requisito para obtenção do Grau
de Mestre.

GOIÂNIA

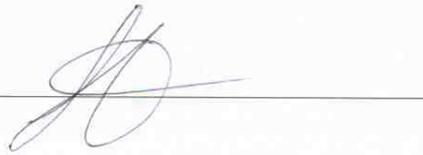
2002

DISSERTAÇÃO DO Mestrado em Ciências da Religião defendida em
22 de novembro de 2002
e aprovada com a nota 8,0 (oito inteiros)
pela Banca Examinadora

1) Dr. Marcos Silva da Silveira (Presidente)



2) Dr. Sérgio de Araújo (Membro)



3) Drª. Elza Guedes Chaves (Membro)



Dedicatória

À minha família, melhor presente que recebi
de Deus. Maria Prudente Sampaio Feitosa,
Isaque Sampaio Feitosa, Levi Sampaio Feitosa.

Agradecimentos

À Deus, todo poderoso e misericordioso, que proporcionou saúde e inteligência ao longo desses dois anos de luta.

À minha família que não mediram esforços para que alcançássemos essa vitória. Pela compreensão e sacrifício de minha esposa e filhos durante esse tempo, que muitas vezes ficaram sem a minha companhia, especialmente nesses últimos cinco meses distante a mais de doze mil quilômetros.

À Igreja Batista Israel que em momento algum questionou a validade desse nosso empreendimento, mas viram que poderiam ser também beneficiados com a nossa conquista.

À Junta Administrativa do Seminário Teológico Batista Goiano, na pessoa do Reitor Pr. Abelardo Rodrigues de Almeida, que nos beneficiou com ajuda financeira para o sustento do curso.

Aos pastores, Abelardo Rodrigues de Almeida e José Roberto Bonome, por terem cedido livros de suas bibliotecas.

Às pessoas as quais entrevistamos, a fim de nos fornecerem subsídios para uma melhor veracidade dos fatos.

Ao meu orientado Dr. Marcos Silva da Silveira que contribuiu para o nosso desenvolvimento intelectual com suas orientações riquíssimas na realização dessa pesquisa.

Resumo

FEITOSA, João Marcos. A influência evangélica na sociedade anapolina. Goiânia: UCG, 2002.

Anápolis organizou-se socialmente sob a égide do catolicismo no último quartel do século XIX, quando Dona Ana das Dores trouxe para a região a imagem de Sant' Ana. O filho de Dona Ana, Gomes de Souza Ramos, erigiu uma capela para adoração da "santa". O catolicismo era uma religião popular rural. Anápolis despontava como cidade próspera e promissora; buscou o progresso e tornou-se o centro de referência, não só para o norte do Estado de Goiás, mas para o norte do Brasil, como foi o Hospital Evangélico Goiano. Na década de 1930, muitas pessoas chegaram a Anápolis, por motivo da estrada de ferro e da construção da capital – Goiânia - beneficiando a região. Com a chegada do missionário na década de 20, numa epopéia evangelizadora e com uma religião urbana, várias pessoas foram atraídas para a fé protestante. Esses missionários protestantes, líderes carismáticos, que implantaram o evangelho em Anápolis, tinham características semelhantes aos puritanos norte-americanos; agiam com uma perspectiva de inteira relação com o sagrado, usufruindo das coisas que o seu Deus havia criado; não esperando que outros agissem em seu lugar, mas criaram escolas, hospitais, orfanatos, etc. numa forma de agradar a deidade; criaram um ethos na sociedade anapolina através da identidade formada na vida dos que iam se convertendo ao protestantismo, implantando, com isso, uma nova tradição religiosa, de modo diferente do que ocorreu no sul do Brasil com os imigrantes germânicos. Os luteranos que chegaram ao Brasil no século XIX vieram sem uma visão evangelizadora, os seus pastores trabalharam para suprir as necessidades espirituais do grupo étnico. A partir da década de 40, chegaram para Anápolis, os pentecostais, que após 30 anos criaram a tradição inventada de que Anápolis seria a cidade mais evangélica do Brasil, a ponto de dizer que a população evangélica em Anápolis chegava a um total de 70% a 80% dos habitantes; entretanto o censo de 1990, do IBGE mostra apenas 18,25% de evangélicos. O objetivo da dissertação é mostrar como a presença evangélica influencia o desenvolvimento da sociedade anapolina no período de 1930 a 1960.

ABSTRACT

FEITOSA, João Marcos. The evangelical influence in the society anapolina. Goiânia: Catholic university of Goiás (UCG), 2002.

Anápolis was organized socially under the égide of the Catholicism in the last barracks of the century XIX, when Dona Ana of the Pains stopped in the area to rest of the trip that did from Jaraguá to Bomfim (Silvânia). they Brought in your luggage an image of Santana, mother of Maria and grandmother of Jesus. Your son, Gomes of Souza Ramos erected a chapel for adoration to the saint. That religion was gone back to a rural popular religion until the decade of 20 of the century XX. Anápolis blunted as prosperous and promising city. It looked for the progress and it turned a reference center not only for the north of the State of Goiás, but for the north of Brazil, as it was the Evangelical Hospital Goiano. The railroad arrived Anápolis in 1935, and with him it came a lot of people, especially of the Brazilian southeast. In the same decade of the arrival of the railroad the city of Goiânia is built - capital of the State - that brought several people for the area, where Anápolis benefitted. In 1960 the Federal capital is inaugurated - Brasília - approximately 150 km. With the missionary's arrival in the decade of 20, in an epic poem evangelist and with an urban religion, it attracted several people for the Protestant faith. Those charismatic Protestant missionaries that they implanted the Gospel in Anápolis, they had characteristics similar to the puritans north American. They acted with a perspective of whole relationship with the sacred, usufruindo of the things that your God had created. They didn't wait so that others acted in your place, but they created schools, hospitals, orphanages, etc. in a form of pleasing the deity. They created an ethos in the society anapolina and it transformed lives, enlarging the arrays of the Protestants in the city; implanting with that a new religious tradition. Starting from the decade of 40 of the century XX, arrived the pentecostais for Anápolis, that after 30 years in the city invented that Anápolis is the most evangelical city of Brazil, which the census of 1990, of IBGE only shows 18,25% as being belonging to the evangelical ones, but that arrive to the point of saying that the evangelical population of Anápolis is of 70% to 80% of the inhabitants, usufruindo that you/he/she was built by the primeval ones evangelical that implanted the " good ones new " of Ours Mr. Jesus Cristo in Anápolis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO SOCIOLÓGICO DA SOCIEDADE ANAPOLINA	14
2.1. Histórico Sociológico	14
2.2. Catolicismo Popular	24
2.3. Situação do Catolicismo Anapolino	31
3. A INFLUÊNCIA EVANGÉLICA NA SOCIEDADE ANAPOLINA	37
3.1. A Formação da Comunidade Evangélica Anapolina	38
3.2. A Construção do Ethos Evangélico	46
3.3. O Ethos Evangélico Anapolino	61
3.4. A Bíblia no Brasil	65
4. SITUAÇÃO ATUAL DOS EVANGÉLICOS EM ANÁPOLIS	71
4.1. Ação Evangélica na Área da Educação	74
4.2. Ação Evangélica na Área da Saúde	77
4.3. Ação das Igrejas Protestantes Históricas em Anápolis	78
4.4. Ação Social Desenvolvida nos Últimos Anos pelos Evangélicos	80
4.5. Um Exemplo Contemporâneo da Ação Evangélica	83

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
ANEXO 1	102
ANEXO 2	105
ANEXO 3	106

I. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se torna relevante por mostrar que a sociedade brasileira vem passando por transformações culturais tangentes à religião. A sociedade brasileira, caracterizada pelo catolicismo desde seu “descobrimento”, está sendo fortemente influenciada pela fé protestante o que provoca um grande abalo no estigma de o Brasil ser um país católico.

Anápolis é um desses lugares onde se marca essa transformação com bastante efervescência, pois a imprensa, na década de 80 do século XX, já divulgou que Anápolis é a cidade mais evangélica do Brasil.

Mediante levantamento bibliográfico realizado a respeito da história de Anápolis, encontramos algumas referências sobre a vida religiosa da cidade. Tais

obras estão voltadas para o desenvolvimento populacional, o progresso comercial bem como para a história dos católicos e da instituição Associação Educativa Evangélica, que servirão de subsídios para conhecer como uma sociedade é marcada pelos seus valores e pelos cultos evangélicos, trazendo mudanças significativas para a vida da cidade, identificando como a população evangélica influencia a vida social de Anápolis. Entre os escritores encontramos Ferreira (1979); Olímpio (1997 e 2002); Polonial (2000); Bonome (2000) que estarão contribuindo significativamente com suas produções a esta investigação e enriquecendo a proposta deste trabalho, conforme detalhada na bibliografia referente à Anápolis.

Desde que chegamos a Anápolis, em 1996, temos visto e ouvido as pessoas dizerem que esta é a cidade mais evangélica do Brasil. Mas uma coisa nos incomoda: para ser a cidade mais evangélica do país logo se imagina que os números demográficos venham comprovar a afirmação, e como maioria, influenciaria as pessoas. Vemos que o cotidiano da sociedade anapolina não expressa essa ostentação. O que aconteceu para que se chegasse a crer, que Anápolis é a cidade mais evangélica do país? Como se constituiu uma cultura evangélica que reivindica ser a cidade mais evangélica do Brasil? Esse será o nosso objetivo neste trabalho.

Uma hipótese primária, poderíamos dizer, vem desde a implantação do evangelho em Anápolis pelos missionários protestantes inflamados por conversos à fé protestante.

Em meados de 1986, (Revista Veja...) uma reportagem da revista Veja, sobre um problema existente entre um dos segmentos da Igreja Assembléia de Deus, relata que Anápolis é "a cidade brasileira com maior concentração de

protestantes – 40% da população - e sede do maior templo evangélico da Assembléia de Deus do país”. Os números são de certo modo incompatíveis com relação às outras divergências religiosas. José Roberto Bonome - mestre em Ciências da Religião pela UMESP e Doutorando em Ciências Sociais pela UnB, e Pastor da Igreja Presbiteriana Independente - escreveu a obra *Religião: construção e interpretação de mundos*, onde mostra um quadro das religiões em Anápolis. Segundo Bonome (2000, p. 21) Anápolis “tem 345 templos evangélicos com 382 pastores”. A própria população evangélica chega a dizer que Anápolis possui 70% a 80% dos habitantes pertencendo a uma das mais de 50 denominações evangélicas hoje na cidade. O Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico – IBGE – (1991, p. 71) no censo de 1991, aponta Anápolis com uma “população de 239.379 habitantes e um total de 43.694 evangélicos”, o que perfaz uma porcentagem de 18,25% da população. Infelizmente não temos o censo dos municípios brasileiros de 2000 do IBGE, porque foi realizado apenas em termos de Estado, onde Goiás aparece com uma porcentagem de 20,82% de evangélicos, figurando em quinto como evangélico do país, atrás de Rio de Janeiro com 21,02%, Roraima com 23,70%, Espírito Santo com 27,45% e Rondônia com 27,70%.

Anápolis não possui casas de diversões noturnas, a não ser através dos clubes da cidade, os quais não promovem festa em suas dependências em todos os finais de semana, para satisfazer a diversão daqueles que desejam esses tipos de prazeres. Quando chega a ter casas noturnas, estas não duram muito.

As pessoas que não são evangélicas praguejam contra a cidade de Anápolis por não lhes proporcionar diversões do tipo de festas, onde bebidas, danças, etc. ocorram. Culpam os evangélicos, por Anápolis não lhes proporcionar esses tipos de prazeres, buscando diversões nas cidades vizinhas, onde essas

casas proliferam. Como exemplo, temos o testemunho de uma colega de faculdade, quando cursávamos o Curso de História na Universidade Estadual de Goiás (UEG), que indignada com tamanho desprezo e desapeço pela presença dos evangélicos na cidade: "... eu odeio essa cidade! A culpa é desses evangélicos que não permitem que tenhamos boates aqui. Temos muitas vezes de ir à Goiânia, Brasília e até Interlândia¹ para nos divertirmos".

Alguns questionamentos nos vêm a mente. Que tipo de influência evangélica é exercida na cidade? Seria aquela que as pessoas que freqüentam esses lugares de prazeres carnavais, coibidos pela Palavra de Deus – Bíblia – a serem discriminados? Há influência dos líderes evangélicos sobre os políticos, órgãos governamentais que regulamentam o funcionamento dessas empresas? Ou realmente a cidade não possui clientes suficientes para essas empresas funcionarem e proporcionarem lucros aos seus proprietários? Poderíamos dizer que Anápolis tem essa característica porque os empresários anapolinos predominam como evangélicos e por isso não condiz negócio desta natureza?

Um trabalho de campo realizado no comércio anapolino nos dá uma posição com respeito a isso, onde se constata que 61% dos comerciantes são católicos e 29% evangélicos - os demais de outros segmentos religiosos. Desse número 51% dos católicos possuem formação do Ensino Fundamental e os evangélicos apenas 22%; no nível de formação do Ensino Médio 17% católicos e 26% evangélicos e com formação de Ensino Superior 32% católicos e 52% evangélicos.

¹ Interlândia é um povoado no município de Anápolis insta a uns 15 km ao norte, onde muitos anapolinos vão freqüentemente para se divertirem em bailes, forrós, etc.

Numa pesquisa realizada pela empresa Pesquisa de Opinião e Mercado Ltda (SERPES),² entre 12 a 14 de agosto de 2002, o nível de instrução mostra que há basicamente uma ligeira vantagem dos comerciantes católicos com curso superior, com 45,83% contra 41,67% dos evangélicos e os de Ensino Médio e Fundamental aumentam para os católicos acima dos 60%, enquanto que para os evangélicos diminuem para a casa dos 27%.

O que percebemos nesses resultados é que prevalece entre os evangélicos uma classe de comerciantes mais letrados dos que os católicos e qualquer outra religião. Então temos uma outra indagação. A condição intelectual que predomina em favor dos evangélicos é a que exerce influência religiosa na vida das pessoas, a ponto de não empreender negócios que a religião desaprovava? Poderíamos retornar ao passado e analisar a condição em que o evangelho foi implantado pelos líderes religiosos protestantes. Quem eram eles? Que tipos de vida levavam? Que conduta ética possuíam concernente ao que pregavam? Que identidade criaram? Mas antes de obtermos respostas a estas indagações far-nos-á necessário conhecer melhor como a cidade de Anápolis foi fundada e consolidada a respeito do importante centro comercial e industrial que é.

Anápolis é verdadeiramente uma cidade agradável de viver. Não há tanta criminalidade como nas metrópoles, apesar de que os seus 380 mil habitantes fazem dela a segunda cidade do Estado de Goiás, apenas sendo menor do que a capital – Goiânia. Imaginava que trabalhar em uma cidade como Anápolis seria deveras privilégio para qualquer pessoa de fé protestante. Após trabalhar seis anos como pastor da Igreja Batista Israel, vimos que realmente a cidade não é o que se apregoa no censo comum, ela precisa muito de ser evangelizada, pois há muitas pessoas que não confessam Cristo como seu Salvador.

² Serpes é uma empresa de pesquisa de opinião pública goiana.

Não queremos aqui fazer apologia de nenhum grupo religioso e em especial dos evangélicos por pertencer a uma das igrejas históricas – os Batistas - muito menos ofuscar a imagem de quem quer que seja ou promover panegírico de determinado seguimento cristão - se o fizermos terá sido inconsciente.

CAPÍTULO II

O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO SOCIOLÓGICO DA SOCIEDADE ANAPOLINA

Neste capítulo serão abordados os fatos históricos sociológicos que a sociedade anapolina desenvolveu desde a chegada dos primeiros habitantes na região e o tipo de catolicismo popular.

1.1. Histórico Sociológico

É importante percebermos como a cidade se desenvolveu ao longo de um século. Haydée Jayme Ferreira, nascida em Anápolis, pesquisou a fundo suas raízes, escrevendo o livro: *Anápolis, sua vida seu povo* (1979) sobre o surgimento do povoado de Santa das Antas e suas transformações para cidade e o seu desenvolvimento em busca do progresso. Segundo Ferreira (1979, p. 14) “a princípio, eram apenas algumas palhoças, com paredes de taipas construídas ao longo do rego d’água, ao qual os moradores davam o nome de Rego Grande...” em

1870, já havia, às margens do Rego Grande pelo menos sete casas, “... e já se festejava, em casa de Manuel Rodrigues da Silva, o dia de Nossa Senhora Santana”.

*Devoções à Senhora Sant'Ana, Padroeira de Goiás,
da Diocese, da Nossa Cidade e de nossa Paróquia
Anápolis - Goiás*



Quem é essa “santa” que faz nascer uma cidade em torno de uma imagem e como chegou aos rincões de Goiás? Vários viajantes no século XVIII e XIX paravam na região, especificamente para descansar das viagens que eram bastante exaustivas. Uma destas caravanas que ia de Jaraguá a Bonfim (hoje Silvânia-Go) descansava na região. Uma mulher chamada Dona Ana das Dores conduzia na bagagem uma imagem de Sant’Ana.³ O animal em que se encontrava

³ “Santana era a mãe da Santíssima Virgem Maria e, portanto, a avó de Jesus Cristo. Este fato determina a sua glória entre os Santo, pois a glória dos filhos redonda em favor dos pais. Por esse motivo, os cristãos em todos os tempos a veneram, particularmente como padroeira de mães cristãs. Ela e seu marido, São Joaquim, representam uma inteira série de gerações que, fielmente, em humilde obscuridade, cumprem seus deveres como pais, participam a fé e estabelecem atmosfera para a vinda e permanência de Cristo entre as famílias. Ana, cujo nome significa “graça”, já era velha (segundo uma tradição bem antiga) quando deu à luz a sua filha, a Virgem Maria. Com o nascimento de Maria, uma nova vida começou para a venerável matrona, a quem foi confiada a criação e formação da jovem sobre todas as escolhidas. A separação da filha veio quando Ana a entregou ao serviço do Templo de Jerusalém. Maria tinha apenas três anos de idade nesta época. Depois deste grande sacrifício, poucos anos de vida restavam à mãe de Maria, pois logo, Deus a chamou para a felicidade eterna. Enterrado primeiro em Belém, o corpo de Sant’Ana foi levado em seguida para Jerusalém, e depois, nos primeiros séculos da Igreja, para a cidade de Apt, na França,

a imagem desgarrou dos demais, sendo encontrado no lugar em que está construída a Matriz de Sant'Ana hoje. Quando foram reconduzir o animal aos demais, resistiu por causa do peso que sentia da carga que transportava, impossibilitando-o de ser removido daquele local. Ana das Dores entendeu que a "Santa" queria que ali fosse construído um lugar para sua adoração.



É necessário ver que a população anapolina modificava-se, como estava ocorrendo com a população brasileira, especialmente no século XIX. Segundo

onde é venerado até hoje. Todas as relíquias da Santa vêm de Apt, incluindo aquelas que veneramos na nossa matriz. Nossa relíquia é um pedacinho do osso de Sant'Ana. O culto de Sant'Ana difundiu-se primeiramente no oriente, passando depois para o ocidente na época das cruzadas. Tornou muito popular na Idade Média... foi fixada a festa de Sant'Ana para o dia 26 de julho. Em Goiás, a devoção à Senhora Sant'Ana vem dos Bandeirantes. A partir de 1727 deu-se

Wegner (1999) o intercâmbio do homem brasileiro com o homem exterior modifica-se as suas relações internas, cujo bandeirante, monçoeiro, o tropeiro, o fazendeiro, o comerciante e o pequeno industrial estão se adequando gradativamente com as necessidades que o mundo está promovendo. E Anápolis, que foi solidificada pelos tropeiros, não fica de fora dessas mudanças, que estão ocorrendo em todo o interior do Brasil, especialmente porque os tropeiros de Goiás estão em constantes contatos com as cidades de São Paulo – Barretos e Ribeirão Preto. Segundo Holanda, *apud* Wegner (1999, p. 249), “o tropeiro é o sucessor do sertanista e o precursor, em muitos pontos, do grande fazendeiro. A transição faz-se assim sem violência”.

Segundo Ferreira (1979, p. 14) a capela, onde realizavam as cerimônias religiosas, foi erigida por Gomes de Souza Ramos, filho de Gomes Pereira Ramos e Dona Ana das Dores de Almeida, no terreno doado por fiéis da “Santa” e recebeu como primeiro capelão o Padre Francisco Inácio da Luz, filho da região – Pirenópolis – cujos trabalhos estavam sobre a Diocese desta cidade, sendo benzida em 3 de novembro de 1871. Estabelecendo assim, o centro decisório das leis que norteariam a vida daquela comunidade como funcionamento estrutural e legal.

Para que um lugar viesse a ser reconhecido como cidade, era necessário passar por etapas que hoje não são necessariamente as mesmas. De capela fez-se o apelo ao Presidente da Província de Goiás – Antero Cícero de Assis – cujo número de assinantes foram de 267 pessoas em 2 de maio de 1872. Segundo Ferreira (1979), o pedido precisou passar pelas bênçãos do Bispo Diocesano D. Joaquim Gonçalves de Azevedo com o seguinte nome: Capela de Sant’Anna das

início, com sua festa, à história civil goiana.” Frei Carlos Antônio da Silva. Boletim Vocacional. Ano III nº XIV, julho/agosto/setembro de 2002, p. 3.

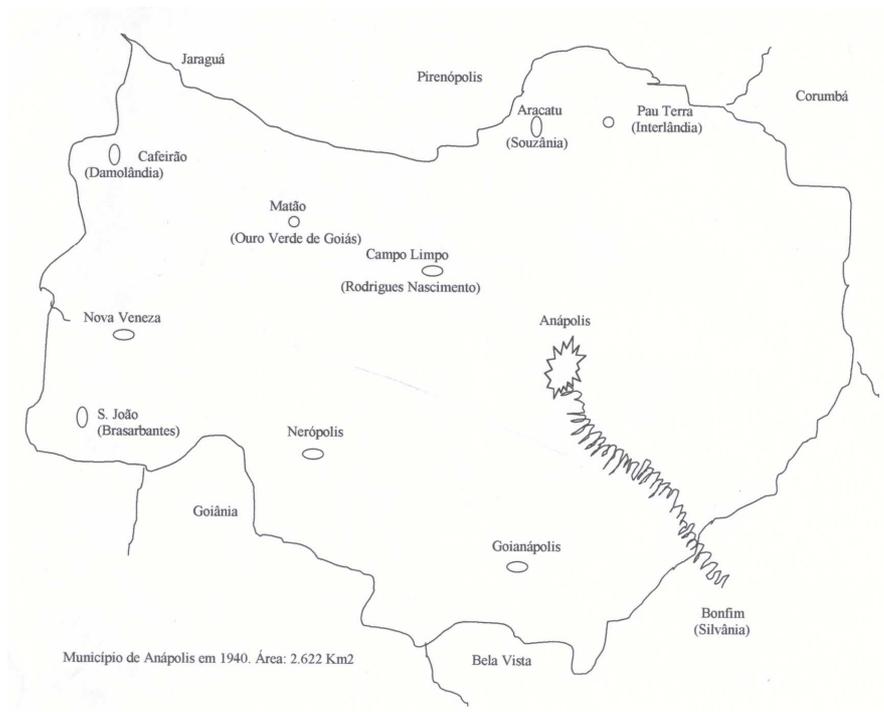
Antas. Sant'Anna por causa da "santa" e Antas porque a região continha uma grande quantidade de animais que possuía esse nome. Levando assim, não só o nome do lugarejo, mas também do rego d'água, por se encontrar muitos desses animais às suas margens. Até hoje se conserva o nome do córrego, o que não aconteceu com o lugarejo, passando a ser chamado de Anápolis – cidade de Ana.

A transferência do nome de Sant'Anna das Antas para Anápolis não causou tantos problemas para a população. Anápolis deriva-se do grego *Polis* que significa "cidade" e *Ana* deriva-se do nome da "santa". Sua associação formou o nome de Anápolis, Cidade de Ana. Não alterando a fé dos católicos nem a anteriore e nem a posteriore.

Segundo Ode'a (1969, p. 9), "nas sociedades organizadas, a religião é uma das estruturas institucionais importantes que constituem o sistema social total". Como ocorreu na primeira transição em Anápolis, o pedido para deixar a condição de Capela de Santana das Antas para Freguesia, ao chegar ao Presidente da Câmara de Meia Ponte – hoje Pirenópolis – teve que obter o parecer, segundo Ferreira (1979, p. 16), do "Pe. Joaquim José do Nascimento, vigário da Paróquia a que pertencia a Capela de Sant'Anna", cuja resolução não foi muito satisfatória, pois relatou as deficiências que possuía. Ferreira (1979, p. 17) nos mostra que "somente em 6 de agosto de 1873 a Câmara aprova a criação da Freguesia sob Lei Provincial N° 514". A região da capela de Santana das Antas não demonstrava às lideranças eclesiásticas de Pirenópolis que o lugar poderia vir a ser promissor, pois ainda possuía uma pequena quantidade de habitantes nas cercanias do rego d'água.

Com um censo realizado em 1873, Freguesia de Santana das Antas possuía uma população de 8.096 habitantes. Esses dados abrangiam todo

município que era bem extenso, o que hoje percorreria até Nova Veneza limitando-se ao município de Inhumas. Segundo Ferreira (1979), o que no final da década chegara aproximadamente a dez mil habitantes, o que levou pela força política de Gomes de Souza Ramos e José da Silva Batista, conhecido por Zeca Batista, à condição de Vila em 15 de Dezembro de 1887 sob Lei Nº 811, que somente se efetivou cinco anos mais tarde.





Uma das formas utilizada para chegar a esse vultuoso número demográfico: a bisneta de Gomes de Souza Ramos, Dona Eucharis Ramos de Oliveira Souza, conta que o seu bisavô, filho de Dona Ana das Dores, emprestava uma vaca com bezerro para abastecer o lar com leite daqueles que não possuíam condições financeiras, a fim de permanecerem na região, tornando o lugarejo populoso, passando a ser reconhecida como Sant'Ana das Antas. Sem dúvida essa não foi a única forma que levou a criação do povoado. Muitos dos tropeiros que passavam pela região permaneciam no lugarejo ao retornarem de suas viagens.

Os seus líderes despontavam na liderança política do Estado. José da Silva Batista (Zeca Batista)⁴ depois de ter sido eleito Deputado Estadual, chega a Vice-Presidente de Goiás no início do século XX, aumentando as aspirações da população em ver a Vila se tornando cidade, agora com o nome de Anápolis em

⁴ José da Silva Batista, nascido em Pirenópolis em 1855, veio para a Freguesia de Sant'ana das Antas como professor primário em 1882, tornando-se comerciante e pelos seus conhecimentos de medicina, foi levado a condição de médico e farmacêutico da população antense.

definitivo; segundo Ferreira (1979), o que ocorreu em 31 de julho de 1907, pelo Decreto Lei Nº 320 sancionado pelo Presidente de Goiás Miguel da Rocha Lima.

Juscelino Polonial - doutorando em História pela Universidade de Brasília - como filho de Anápolis, escreveu alguns livros a respeito do progresso econômico, político e social que Anápolis alcançou em sua jornada para chegar ao destaque que possui hoje. Segundo Polonial (1995, p. 33), Anápolis foi construída sobre uma economia de subsistência, sendo “a pecuária e o comércio incipiente de tropeiros” e não solidificada pela aspiração ourífera, como em muitos lugares do Brasil e de Goiás. Segundo Palacín e Morais (1994) o governo português, no século XVIII percebendo o declínio das minas, passou a investir e promover a agricultura em Goiás, não sendo difícil a mão-de-obra, como em outras regiões, pois nesses alhures ouríferos a população aspirava a riqueza mais rápida, enquanto que na economia de pecuária e comércio o retorno econômico era mais demorado. Segundo Palacín e Morais (1994) a transição do sistema econômico em Goiás foi experimentada por um longo período.

Em Anápolis, esse processo foi rápido e menos traumático – de economia de subsistência para a pecuária e agricultura e por último para comércio. Foi mais em anseios de necessidade de progresso do que um simples fim e meios de sobrevivência, pois o período era propício mundialmente.

Com uma população emergente, começam a aparecer os problemas das grandes cidades nas questões judiciárias. Humberto Crispim Borges, nascido em Anápolis e com a transferência da capital de Goiás mudou-se para Goiânia, a fim de estudar. Dos filhos da cidade, ele foi o pioneiro a produzir uma história sistematizada da cidade desde os seus primórdios. Segundo Crispim (1975) as comarcas são fixadas e tanto Santana das Antas e Corumbá estão sob os

domínios da comarca de Pirenópolis – Lei No. 22, de 20 de julho de 1982. A primeira sessão do júri realizado na vila foi em julho de 1895, sob presidência do juiz da comarca de Pirenópolis. Em 1905, o juiz da comarca de Jaraguá presidiu as sessões de júri e dois anos mais tarde Maurílio Augusto Curado Fleuri é transferido provisoriamente para Anápolis. Somente em 1914, é criada a comarca de Anápolis – Lei 496 de 29 de julho de 1914, sendo o primeiro juiz Gastão de Deus Vítor Rodrigues, o qual, dois anos após ser empossado, vem a óbito e a comarca volta aos domínios da comarca dos Pirineus – Pirenópolis. A partir de 1921, a comarca de Anápolis é reinstalada em definitivo.

Anápolis como cidade emancipada precisava expandir em direção ao progresso. Segundo Polonial (2000) em 1920, construíram a primeira rodovia ligando a Estrada de Ferro, instando em Roncador e no ano seguinte construíam as rodovias vicinais: Pirenópolis, Jaraguá, Corumbá e um projeto para ligar à Inhumas.

No início do século XX, Goiás ainda mostrava-se um tanto deficiente em suas relações de comunicação, mesmo com essas rodovias construídas, impedindo o seu desenvolvimento mais rapidamente. Segundo Polonial (2000, p. 25) “a falta de estradas prejudicava a economia goiana, sendo a ferrovia a solução para que a região desenvolvesse”. A estrada de ferro chega a Goiás em 1911, mas somente em 7 de setembro de 1935, é que alcança a cidade de Anápolis, numa política que Getúlio Vargas, com o Estado Novo, tinha para o Brasil, trazendo progresso e esperança de vida melhor para os anapolinos.

Segundo Polonial (2000, p. 39)

É incontável o progresso de Anápolis, inúmeras são as construções em andamento e mesmo assim há falta de casas. Diversas companhias construtoras já instalaram suas

agências nesta cidade e segundo informações seguras, o número de inscrições é vultoso.



Estação Férrea em Anápolis na praça Americana do



Festa de inauguração da estação de ferro em



Festa de inauguração da estação de ferro em Anápolis

A estrada de ferro não prosseguiu em campos goianos. Anápolis foi o término da linha férrea, segundo Polonial (2000, p. 53,54) “o que transformou a cidade no maior centro de troca de mercadorias de Goiás nas décadas seguintes à chegada da ferrovia”.

A estrada de ferro, sendo o seu ponto final em Anápolis, trouxe muitas pessoas de várias regiões do Brasil. Segundo Polonial (2000) a região que mais forneceu imigrantes foi o sudeste, especialmente Minas Gerais e São Paulo, e com maior população estrangeira, destaque para Japão e Itália, no período que abrange

os anos de 1910 a 1935. Mas foram os sírios que contribuíram para que a população urbana, especificamente no comércio, se desenvolvesse atraindo pessoas para a região.

Segundo Ferreira (1979) o progresso não ficou apenas com os trilhos, em 1937 e anos subseqüentes, o contrato para instalação da rede telefônica em Anápolis, assinado pelo prefeito José Fernandes Valente e Washington Carvalho, pioneiro e proprietário da empresa telefônica de Anápolis, e em 1940, Anápolis já possui uma usina por nome Anicuns da empresa Luz e Força. Em 43 o contrato para instalação dos serviços de água e esgoto é assinado com a companhia de engenharia. Nesse mesmo ano o aeroporto recebia um avião da Aerovias do Brasil que fazia a rota Rio de Janeiro – Miame (USA) com escala em Anápolis, chegando a abrigar várias companhias aéreas. Segundo Ferreira (1979) em 49 chega a Lóide Aérea Nacional e em 50 a Viabrás. Nesta mesma década, segundo dados do Museu do Aeroporto Juscelino Kubitschek “Anápolis exercia a plenitude de sua vocação de pólo logístico distribuidor do Centro-Oeste, operando cerca de 23 vôos diários do Loyd Brasileiro, Aerovias Brasil, Nacional, VASP e do Correio Aéreo Nacional”.

Segundo Polonial (1995, p. 8), “o surgimento de dois bancos na cidade, com o capital dos grupos econômicos locais” eram indicações que o progresso chegara à Anápolis. Percebe-se que a liderança política de Anápolis queria realmente que esse progresso viesse bem rápido, a ponto do povoado de Santana das Antas sobrepujar, política e economicamente, a cidade de Pirenópolis, que outrora tinha sido a detentora política de Santana das Antas.

A política expansionista de Vargas, especialmente a chamada Marcha para o Oeste, trouxe muitos investimentos para Goiás, especialmente para Anápolis,

ampliando o mercado interno nacional, mas também diminuiu a possibilidade da cidade se tornar a maior cidade do Centro Oeste brasileiro, com uma economia bem desenvolvida, fato este impedido pela transferência da capital do Estado, e em 1960, da transferência da capital do Brasil de Guanabara – RJ para o Planalto Central - GO.

Anápolis foi prejudicada econômica, política e socialmente em alguns pontos com a transferência da capital do Estado – de Goiás Velho para Goiânia, como foi na construção do Aeroporto Santa Genoveva, desativando a linha aérea em Anápolis, e segundo Polonial (1995), a hegemonia do setor terciário que prevaleceu na primeira metade do século XX, não desenvolveu a partir da segunda metade do século. Por outro lado, Anápolis estava como cidade entre posto na política de Vargas, tornando o eixo de referência para o norte do Brasil, proporcionando mais tarde a construção da Rodovia Belém-Brasília (BR 153), beneficiando-se da rota sul-norte do país.

Antes de esses fatos ocorrerem os políticos goianos da década de 30 tiveram visão de que se a capital do Estado não fosse transferida de Goiás Velho, em busca do progresso, logo estaria fadada a ser uma capital desprezada e abandonada. Marchavam então em busca de lugar apropriado para que a nova capital pudesse ser uma cidade de progresso e prosperidade. A comissão nomeada para a escolha do local, ao descobrir a região de Campinas, pôde perceber que era ideal por causa das condições que a região oferecia, segundo Saragozza (S/D, p. 41) “proximidade da estrada de ferro (condição julgada indispensável)...”.

O governador Pedro Ludovico Teixeira, com os poderes de governador, baixa um decreto de n. 102 de 18 de maio 1935, para transferir a nova capital.

Segundo Palacín (1976) em 4 de dezembro do mesmo ano o governador fixa residência em Goiânia transferindo provisoriamente a capital, mas somente em 1937, é que foi realizada a mudança definitiva da capital do Estado. Segundo Saragozza (S/D), em 1942, a cidade já possuía cerca de 15.000 habitantes, o dobro da antiga capital.

Esse novo empreendimento nas proximidades de Anápolis trouxe muitas transformações para a região do Planalto Central. Segundo Polonial (2000, p. 76), “o crescimento populacional determinou o aumento do mercado consumidor, o que levou à construção de inúmeras casas comerciais na cidade. Houve um crescimento de 539,62% no número dos estabelecimentos varejistas entre 1935 e 1948”.

Para alguns, outro benefício que Anápolis teve foi na área da política. Algumas decisões políticas do Brasil foram definidas em áreas do município anapolino. Quando Juscelino Kubitschek assinou o projeto (ver anexo 2) que determinava a mudança da capital Federal do Rio de Janeiro para o Planalto Central – Brasília – encontrava-se no terminal de embarque do aeroporto JK (que leva o seu próprio nome) em Anápolis, devido a fatores meteorológicos que cercava a região do aeroporto Santa Genoveva em Goiânia, no dia 18 de abril de 1956. Apesar da carta ser datada com a localidade de Goiânia, ela foi redigida e assinada em Anápolis, dizem os mais antigos da cidade e o diretor do Museu de Anápolis - Sr. Eurides Guimarães.

Após assinar o projeto, Juscelino Kubitschek disse:

Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e

antevejo esta Alvorada com uma fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino (Juscelino Kubitschek).

Esses dados dão-nos uma visão de como a cidade de Anápolis foi sendo transformada num centro urbano. Nessa condição de crescimento demográfico como discute Weber, *apud* Domingues (2000, p. 210), a cidade não pode ser caracterizada pelo lugar que centralizaram várias famílias, mas ela “... deve ser entendida somente como um estabelecimento, um local de mercado de tamanho expressivo, em torno do qual a vida de seus habitantes gira...”, o que ainda em Anápolis perdura uma comunidade dependente dos laços familiares.

1.2. CATOLICISMO POPULAR

Tendo conhecido sobre como a sociedade anapolina se estabeleceu na região, prossigamos em analisar que tipo de catolicismo foi engendrado no seio dos primeiros habitantes e como foi desenvolvendo ao longo dos anos e se correspondia com as aspirações da população que desejava o progresso para a cidade.

A sociedade anapolina fora organizada sob a fé católica que teve, sem nenhum embargo, uma atividade religiosa com mais de meio século – de 1870 a 1930.

Que tipo de catolicismo foi implantado na vida dos habitantes de Anápolis desde o início de sua organização social?

A religião que anunciava com a comunidade anapolina primeva – o catolicismo – logrou êxito com influência no desenvolvimento da sociedade anapolina nos primeiros cinquenta anos. Permaneceu atuando como a religião popular, como a das cidades de Pirenópolis e Goiás Velho.

O Brasil, segundo Brandão (1988), é o país mais católico do mundo, cerca de 90% da população se declara pertencer à religião católica. Mas será que na verdade são todos católicos de fato? Uma indagação primeira faz-se necessário: o que é catolicismo e quem é católico?

As pessoas que se intitulam católicas agem como Galilea (1973, p. 89), por exemplo, descreve a identidade do catolicismo popular latino americano:

Os sinais que exprimem a pertença à Igreja de natureza católico-popular são o batismo, a identificação de si mesmo como “católico”, uma identificação global com a fé católica. Além disso, esta pertença se exprime na participação periódica em atos de culto, seja de natureza devocional ou sacramental, unido a isto está o reconhecimento de uma obrigação moral que pode derivar do sistema de valores cultural e eclesialístico.

Assim caracteriza como catolicismo, segundo Higuete (1984, p. 24) “aquele sistema de doutrina e prática moral-religiosa que aqueles que se dizem católicos – membros da Igreja Católica – reconhecem como catolicismo” ou como Mon. Célio Dantas, *apud* Higuete (1984, p. 24), descreve que ao se declararem como católicos “têm comportamentos, motivações, visão de mundo, práticas religiosas, crenças extremamente diversificadas, sendo apenas uma minoria que se aproxima dos padrões e valores ortodoxos do catolicismo”. Surgindo o catolicismo popular numa

tradução do catolicismo vivido cotidianamente por um elevado grupo de pessoas que se intitulam católicos, segundo Higuete (1984, p. 24) “com seu universo simbólico, sua linguagem e sua gramática próprias”.

A melhor forma de caracterizar o catolicismo popular é apresentada por Waldo Cesar, *apud* Higuete (1984), que o identifica sobre quatro enfoques, o que reproduz a tentativa de sistematizá-lo. O primeiro enfoque é quanto à identificação rural que contrapõe ao urbano. Esse catolicismo rural ao ser transportado para a cidade (urbano), segundo Higuete (1984, p. 24) “contém sobrevivências de uma ” mística da natureza “ em que o homem se vê numa dependência incondicional em face as forças do cosmo, vividas como manifestações do sagrado”. Weber (1982, p. 325) ao analisar a sociedade européia, mostra que “a unidade da imagem primitiva do mundo, em que tudo era mágica concreta, tendeu a dividir-se em conhecimento racional e domínio da natureza...”.

Segundo Souza (1999, p. 23), em analisar a condição do povo brasileiro, que é tida como atrasada, em comparação com o norte americano, que é desenvolvida, numa perspectiva religiosa – católico e protestante – faz uma definição como o catolicismo trata a condição do fiel.

A cura de almas preocupava-se com a questão da imputação causal da culpa do sofrimento individual, e foi assumida por dinastias de mistagogos ou profetas de uma divindade. A partir dessa especialização podem agora os sacerdotes vincular seus próprios interesses e ideais aos motivos e necessidades da plebe.

O catolicismo rural vai buscar das coisas santas deste mundo a fim de resolver os seus problemas do cotidiano (doenças, infortúnio, chuva, pão, trabalho,

etc.), assim os santos lhes serão a solução para aplacar situações que são insustentáveis. Segundo Higuete (1984, p. 24) os santos “exercem” função terapêutica da adaptação social por meio da aceitação da “vontade de Deus” e da “sorte de cada dia”.

Para amenizar essas situações, o catolicismo popular rural viverá de festas, numa crença que o sagrado suprirá as deficiências dos fiéis como seres imperfeitos. Essas festividades, segundo Higuete (1984, p. 24), “são narrativas: é a comemoração repetida do santo que tem feições heróicas e transformadoras”. Assim a consciência mágica do fiel transforma-se em mística.

Quando uma cidade vai crescendo, o progresso urbano transforma o comportamento dos habitantes, até mesmo religiosamente. O catolicismo popular tradicional, segundo Higuete (1984, p. 25), torna-se, facilmente ritualista e superficial, “nostálgico”, disfuncional e sem significação para a orientação da vida urbana “, onde vários outros seguimentos religiosos mais adaptados a essas circunstâncias urbanas atraem as pessoas e influenciam seus comportamentos sociais. Em contra partida, segundo Higuete (1984, p. 25) “a referência aos valores tradicionais traz segurança no seio da dura realidade urbana e industrial...” permanecendo a religião atuante numa sociedade em transformações social, política e religiosa.

Temos, então, o segundo enfoque: O catolicismo popular. Este caracteriza-se mais como Higuete (1984) chama de “religiosidade simples”, que dispensa os serviços dos sacerdotes e a sistematização dos dogmas da igreja. Destarte o fiel se torna mais espontâneo e livre em realizar seus cultos. Tornando assim, uma religião leiga, ou seja, o padre não necessariamente precisa estar presente para as cerimônias religiosas, especialmente às festas, procissões,

novenas e ritos, promessas, romarias, etc. Se porventura houver um sacerdote presente nessas cerimônias, ele torna um mero servidor do povo. O padre é apenas o executivo, mas com presença desejada pela comunidade. Se porventura ele for um inovador nessas festas ou nos ofícios religiosos haverá conflito.

As relações do catolicismo popular com o oficial romano estão sempre entrelaçadas. Um depende do outro, como Leonardo Boff (1976, p. 50) demonstra.

As doutrinas fundamentais, os santos, os sacramentos, etc. são recebidos do Catolicismo oficial (...). Os próprios católicos do Catolicismo popular se confessam dentro da igreja oficial dos clérigos (...), este controla a palavra, as doutrinas e as leis, mas deixa as práticas ao povo, bastante livres.

Em contra partida, Boff (1976, p. 50) mostra que o catolicismo popular também supre o catolicismo oficial, “esta experiência, por sua vez, alimentará a teologia oficial, a renovação das instituições oficiais e abrirá novas formas na presença do Catolicismo oficial na cultura erudita do tempo”. Ambos necessitam um do outro para sobreviver.

O terceiro enfoque é o de que o catolicismo popular é cultural. Segundo Higuier (1984, p. 26).

popular é o que não se aprende na escola, em oposição ao “erudita”. A religião popular será então a religião das classes de baixa cultura, ou será a religião dos não-padres, “dos leigos” para os quais a religião não é nem saber especializada nem profissão.

Assim, segundo Higuete (1984, p. 26), como religião católica popular numa constituição de

verdadeira cultura, no sentido antropológico do termo, expressando-se por um conjunto de crenças, de rituais e de formas de organização peculiares. É um sistema cultural que exprime na pessoa um conjunto de disposições profundas e duradouras que formam no crente uma “cosmovisão” adequada, uma resposta à questão do “sentido da vida”, do sofrimento e do mal.

Por último, como quarto enfoque temos, segundo Higuete (1984), o catolicismo popular é sacral, onde as ações do sagrado são manifestadas no mundo e na história humana. Segundo Rolim (1976) não há classe social que distingue os catolicismos, oficial e popular, numa perspectiva sacral. Tanto um quanto o outro se utilizam dos mesmos santos que possuem poderes extraterrenos.

Destarte, o catolicismo popular é também emocional, cuja atitude comportamental do ser humano possui aspectos não racionais, com o “mistério tremendo e fascinante”, onde os problemas diários são mais amenizados do que propriamente uma “problematização” de atitudes, ou seja, o catolicismo popular é místico porque é conhecido por meio dos mitos e daquilo que está embasado no conhecimento de tipo místico, cujo significado, segundo Higuete (1984, p. 26), está valorizado num “contexto sociocultural em vez do real e do histórico”.

Não podemos esquecer que o rito vivifica o mito. Portanto, o catolicismo popular também é marcado pelo rito e pelo aspecto mágico ao sagrado. Assim o ritual será mais em uma relação funcional para com o surgimento de situações de

dificuldades. O sagrado é forçado pelo fiel, através do rito, a produzir milagres, onde Higuete (1984, p. 26) diz que “na comunicação ritual com o sagrado, o gesto é soberano e a palavra tem papel subordinado”. Segundo Higuete (1984) no catolicismo popular o fiel não tem mais acesso direto ao santo, quando o sagrado está manipulado pela magia, mas sim pela mediação do benzedor, milagreiro ou feiticeiro.

As centralidades do catolicismo popular são ocupadas pelas constelações devocionais e de proteções. Segundo Higuete (1984, p. 27) as constelações devocionais

se compõe da totalidade das práticas pelas quais o homem toma contato diretamente com um ser santo e pessoal. São todos os atos de piedade pelos quais pode ser estabelecida uma relação íntima para um ser santo, de modo semelhante como se dá entre duas pessoas. As práticas que dão acesso a esta relação direta e pessoal podem ter caráter individual como oração, novenas, práticas de piedade diante de imagens de santos, ou coletivo (como festa, procissão).

E a constelação de proteções, segundo Higuete (1984, p. 27), “reúne as práticas pelas quais o homem entra em contato com os seus santos, para alcançar deles vantagens concretas visíveis (...) sem a mediação da igreja”.

Higuete (1984, p. 29) conclui sobre o catolicismo popular dizendo que:

O catolicismo popular santorial e devocional é uma religião caracterizada pelo misticismo. Espontâneo, criativo, leigo, dispensando a mediação sacramental e doutrinal da instituição eclesial e de seu principal representante, o padre, o catolicismo popular procura proteção através de um contato

imediatamente com o sagrado – na sua ambigüidade fundamental de atração e repulsão – que ele encontra na natureza e na história, realizando assim uma sacralização simbólica da vida cotidiana. A espinha dorsal da religiosidade popular é mística, ou seja, é a sua espiritualidade. Está presente em todas as expressões do catolicismo e em todos os graus da consciência popular.

1.3. Situação do Catolicismo Anapolino

Se Weber (1982, p. 312) diz que não existe separação das comunidades rural e urbana e que o cristianismo “foi uma religião especificamente urbana e, acima de tudo, cívica”, tanto internamente como externamente, como poderíamos caracterizar o catolicismo em Anápolis como uma religião rural?

Instando a diocese no século XIX, e até o início da segunda metade do século XX em Pirenópolis, sede regional do catolicismo eclesiástico, não havia um padre que pudesse suprir as carências espirituais dos crentes no povoado de Santana das Antas. Com o seu catolicismo popular rural centralizado no culto a Santana das Antas, que aguardavam sempre com anseios o dia em que o sacerdote deixava a cidade maior para passar no povoado e realizar os ofícios religiosos (batismo, eucaristia, casamento,...), os fiéis num interesse de possuir uma igreja com sacerdote permanentemente entre eles, segundo Polonial (1995, p. 38),

... alegavam os moradores que mais de três mil pessoas moravam na localidade e precisavam de uma paróquia e de um padre para a celebração dos atos religiosos necessários, até então ministrados esporadicamente. Assim é que os

registros paroquiais conseguiram vários batismos realizados em um único mês, o que justificaria uma paróquia para o povoado.

As práticas religiosas desse catolicismo popular rural eram realizadas sob a égide dos fiéis leigos mais envolvidos com o sagrado dentro da comunidade religiosa. A princípio era feita por Gomes de Souza Ramos, descendente direto daquela que trouxera a imagem da “santa” para a região de Anápolis. Somente quando os sacerdotes oficiais passavam pelo povoado é que realizavam os ofícios religiosos da capela.

O culto ao Menino Bom Jesus da Lapa iniciou em Anápolis por meio de Maria Tereza de Jesus (Terezona), vinda da Bahia e de cor negra, que agregava as pessoas simpatizantes à devoção, opondo-se às leis da igreja. Segundo Crispim (1975, p. 97), o depoimento do Pe. Henrique Isquerdo Oliver sobre essa devoção no início do século XX.

Aconteceu que observando a devoção crescente à imagem de Bom Jesus, na Freguesia, e sendo eu por sua vez tocado no coração por igual força de atração, e, verificando, que não podia seguir o curso que a supradita mulher preta de celebrar a festa em sua casa, contrariando as leis da Igreja, procurei encaminhar a supradita devoção, atraindo-a para a Igreja Matriz, e para este fim comprei um quadro e coloquei a estampa do Bom Jesus da Lapa (maio de 1913), e o quadro e a estampa foram colocados abaixo de um trono, junto à mesa do altar-mor da matriz de Santana.

A partir de 1914, foi que o Pe. Henrique Isquerdo Oliver iniciou a construção da capela a Bom Jesus da Lapa e em 1935 é que a paróquia foi criada, desmembrando da paróquia de Santana.

A devoção a Sant'Ana não foi marco suficiente para que a população crescesse em uma religiosidade desenvolvida em torno apenas de uma "Santa". A adoração a um "santo" apenas não é predominante entre os católicos de Anápolis e em nenhum outro lugar, pois a veneração do culto ao Menino Jesus da Lapa apresenta maior predomínio entre os católicos de Anápolis do que daqueles que têm sua devoção a Santana. Uma justificativa do censo comum que é esboçada, seria porque ela é padroeira dos navegantes e a região não habitou navegadores e nem possui grandes rios de navegação ⁵ ou pescadores, não desenvolvendo esse tipo de veneração e tenha que ser substituído pelo Menino Jesus que exercia muito mais influência entre os fiéis do que a Sant'Ana. Mas a substituição desta veneração explica-se socialmente melhor pelo fato que a Matriz de Sant'Ana é da classe mais abastada de Anápolis; enquanto que a Catedral Bom Jesus é freqüentada pela população de menor poder aquisitivo; e como a massa é maioria da população percebe-se a troca, ou melhor, o predomínio ao culto ao Menino Bom Jesus da Lapa.

⁵ A região de Anápolis não pode ter estas características porque contém a divisa das bacias hidrográficas do Brasil, a bacia amazônica, ou seja, as águas que correm para o norte do país chamada Bacia Amazônica, nascem no município de Anápolis; e a bacia Platina, ou seja, as águas que correm para o sul do país são denominadas de Bacia Platina e nascem também no município de Anápolis. Assim, estando as nascentes dentro do município de Anápolis impedindo que torrentes de águas jorrem em nossos regos d'água, riachos e córregos.



Festa do Bom Jesus na praça Bom Jesus

A elite anapolina não deixa a matriz de Santana, em virtude da tradição que há em relação aos fundadores da cidade e da implantação da religião católica. Enquanto que para a classe mais baixa só preferem realizar suas festividades religiosas (batismo, primeira comunhão, casamento, etc.) na Catedral Bom Jesus. Quando se indaga por que não realizar essas cerimônias na Matriz de Santana, os católicos afirmam ser a Catedral Bom Jesus mais central, embora ambas igrejas instem a uns 300mt de distância e ambas estejam no centro da cidade de Anápolis.

Os líderes religiosos do catolicismo anapolino e de Pirenópolis estavam longe da comunidade anapolina, alheios aos anseios materiais e, até mesmo, espirituais dos fiéis. Segundo Weber (2000), ainda em análise à sociedade européia, eles preocupavam mais com a vida monacal, como valor e justificativa perante Deus do que com as ações em prol da comunidade, tornando elemento fundamental na concepção da população, pois se viam como o representante de Deus. O que Ferreira (1979, p. 97) mostra quando trata da postura dos fiéis católicos de Anápolis, que “... era sacrilégio ofender ou falar do vigário”.

Um exemplo foi o que nos contou uma fiel sobre a postura que os crentes na década de 40, tiveram quando os franciscanos chegaram a Anápolis. Os Frades Franciscanos norte americanos que vieram para Anápolis em 1944, chegaram com uma conduta social diferente das que os fiéis estavam acostumados no cotidiano. Ações que assemelhavam ao crente “comum” era recriminada pela comunidade, levando-os a mudar até mesmo de igreja, Catedral Bom Jesus, caracterizando como outro fator de predomínio do culto ao Menino Bom Jesus da Lapa, em detrimento as ações que os fiéis acreditavam que eram mundanas e profanas para os oficiais da Igreja Católica e não somente essas ações, mas também o espaço de tempo foi relativamente curto para sedimentar uma tradição católica urbana na vida dos fiéis.

Mesmo que Weber (2000) tenha mostrado que há diversas idéias sobre vocação no sentido religioso, seu posicionamento foi importante aqui nessa sociedade analisada. Segundo Weber, *apud* Rolim (1996), os sacerdotes católicos são basicamente mecânicos, reproduzem aquilo que a igreja quer ou precisa que os fiéis as tenham. De acordo com Weber, *apud* Rolim (1996, p. 73), “o sacerdote está ao serviço de uma tradição⁶ sagrada”.

Segundo Weber (1982, p. 315) além de trabalhar com a razão no intuito de guardar a tradição, prima por uma

anunciação e promessa da salvação que dirigiram-se às massas dos que necessitavam da salvação... mágicos e sacerdotes passaram a ter como atribuição a determinação

⁶ “O tradicionalismo refere-se às atitudes tomadas em relação ao dia habitual de trabalho e à crença na rotina diária como normas invioláveis de conduta. O domínio que tem essa base, ou seja, a devoção ao que sempre existiu, realmente, supostamente ou presumidamente, será chamado de “autoridade tradicionalista” (Weber. 1982, p. 340).

dos fatores a serem responsabilizados pelo sofrimento, ou seja, a confissão dos 'pecados'.

O sacerdote ao realizar seus ofícios religiosos centralizava mais no confessorário para aplacar os sofrimentos dos fiéis que longos dias aguardavam aquele momento para se confessar e absorver o perdão de seus “pecados” e amenizar o sofrimento, especificamente o de perda da salvação.

As inúmeras possibilidades de ação no reino de Deus que o sacerdote atribuía ao fiel eram suficiente para aplacar a dor e aliviar o que sentia intimamente. O que proporcionava uma autonomia na fé do fiel institucionalizando a graça salvífica de Deus, pois não possuíam a certeza de salvação sem a intervenção da Igreja. Assim, ela – a Igreja – para Weber (1982, p. 331) “busca organizar a religiosidade das massas e colocar os seus próprios valores oficialmente monopolizados e mediados no lugar das qualificações estamentais autônomas e religiosas, dos virtuosos religiosos”. O catolicismo centralizava suas mensagens abrangendo mais nas promessas de uma salvação ligada ao ritualismo, a tradição, e não na ética.

Destarte a religião católica anapolina consegue impedir a demanda de fiéis para outros segmentos religiosos através das práticas que o catolicismo popular do culto ao Bom Menino Jesus da Lapa que foi introduzido no seio da sociedade expandindo em toda cidade e uma outra medida de conter os fiéis às práticas católicas, é transferindo a diocese de Pirenópolis para Anápolis. Respondendo aos sofrimentos que os fiéis não conseguiam ter explicações para suas vidas espirituais e materiais aqui na terra, quando lhes são mostrado uma nova maneira de encarar a sua relação com o sagrado.

Para Mendonça (1990, p. 236), “a urbanização crescente, com a formação das grandes cidades, introduz uma modificação radical nas religiões que, para Weber, foi a raiz das grandes religiões universais”.

Somente quando a Diocese muda para Anápolis é que o catolicismo se transforma em urbano. Uma transposição de uma situação para outra acontece em todos os momentos de uma sociedade, como Souza (1999, p. 21) diz: “o desenvolvimento cognitivo seguinte representa um salto qualitativo e implica a passagem do naturalismo ao simbolismo”.

O catolicismo anapolino tardou em assistir à população, especialmente com respeito à educação. Somente após meio século é que investiram nessa área.

Em 1944, com a chegada dos franciscanos em Anápolis, assumem a direção do Ginásio Arquidiocesano de Anápolis, tendo seu funcionamento autorizado por inspeção Federal do dia 17 de março de 1939, e liderado pelos Padres Salesianos, que posteriormente, em 1941, passou a liderança para a Colenda Mitra Arquidiocesana de Santana de Goiás, que em 1944, era vendida aos Frades Franciscanos.

CAPÍTULO III

A INFLUÊNCIA EVANGÉLICA NA SOCIEDADE ANAPOLINA

Neste capítulo serão abordados: a construção de uma nova tradição religiosa na vida dos habitantes de Anápolis desenvolvida pelos evangélicos a partir de sua chegada; o ethos protestante que os evangélicos históricos criaram no século XX, especificamente entre 1930 e 1960.

2.1. A Formação da Comunidade Evangélica Anapolina

Necessário é voltarmos as indagações anteriores que estão na introdução. Como foi instalado em Anápolis o culto dos evangélicos protestantes: Presbiterianos, Batistas, Metodistas e Igreja Cristã? Por que Anápolis tornou o centro evangélico de Goiás?

A partir da década de 40 do século XX, tivemos muitos imigrantes evangélicos chegando em Anápolis, em virtude das medidas sociais já apresentadas no capítulo anterior. A presença evangélica em Anápolis começara duas décadas antes, entre 1920 e 1930.

Olímpio Ferreira Sobrinho, quem estudou e pesquisou as instituições evangélicas em Anápolis, membro da Igreja Presbiteriana Independente, escreveu duas obras sobre a Associação Educativa Evangélica: *Meio século formando gerações* (1997) e *Sob as luzes do milênio* (2002). Segundo Olímpio (1997), um grupo religioso que chega a Anápolis trazendo o evangelho protestante para Goiás, adentra pelas portas da cidade de Santa Luzia, hoje Luziânia, uma das mais antigas cidades de Goiás, onde se formou a primeira Igreja Presbiteriana Independente em solo goiano.

Joaquim Inácio Roriz foi o responsável pela introdução do evangelho na cidade de Santa Luzia. Habitando em Paracatu – MG, foi ao Rio de Janeiro a negócios e deparou-se com um pastor protestante, Reverendo Blackford – missionário inglês que evangelizava na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX. Por várias noites ia até o pregador para ouvir o que tinha de novidade. Converteu-se e adquiriu vários exemplares da Bíblia e algumas revistas trazendo-as para Paracatu e Goiás.

Segundo Olímpio (1997) o Presbitério do Oeste, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, envia ao Estado de Goiás o reverendo José Antônio Campos que residiria em Anápolis e dirigiria os trabalhos protestantes de Bonfim, Santa Luzia, Descoberto e Retiro e a congregação de Vianópolis. A assistência a esses lugares era extremamente precária. Segundo Émile-Guillaume (1981) as condições em que os missionários tinham que trabalhar em território brasileiro

eram diferentes dos missionários alemães e franceses na Europa, pois a distância que tinham que percorrer era mais vultuosa do que a dos europeus e os meios de locomoções mais primitivos, essas locomoções eram feitas em lombos de burro. Mesmo estando no século XX, o que mostramos anteriormente ao abordar os empecilhos que Anápolis possuía e a região percorrida pelos missionários primitivos em solo goiano.

O evangelho não entrou em Anápolis apenas pelas portas de Santa Luzia, mas um extraordinário cidadão por nome Jarbas Jayme de ilustre família, cujo pai, era fazendeiro do município de Jaraguá – GO, estudioso da gramática portuguesa, quando tinha dúvidas escrevia ao autor da gramática para saná-las. Ao responder as dúvidas o Dr. Eduardo Carlos Pereira, autor da gramática e também pastor, enviava mensagens do evangelho, que soava no coração do estudante, vindo mais tarde a produzir fruto para o reino de Deus. Em 1923, Jarbas Jayme muda-se para Anápolis.

Os evangélicos que já se encontravam na cidade e mais os que foram chegando –, por um motivo ou de outro, onde Anápolis despontava como uma cidade hospedeira aos que se convertiam ao evangelho, um exemplo típico, segundo Olímpio (1997), é o Sr. José Izidoro da Costa, convertido na cidade de Trindade – GO, e por lá não se podia professar abertamente a nova fé, mudou-se para Anápolis –, formaram a Igreja Presbiteriana Independente, mesmo sendo oriundos de outras denominações diferentes, como era o caso do Dr. James Fanstone, Presbiteriano do Brasil; Arthur Wesley Archibald, Metodista; outros: Batistas, Igreja Cristã; etc.

Com o progresso que Anápolis estava tendo, muitas pessoas que já professavam a fé evangélica em suas origens, as igrejas evangélicas em Anápolis

começaram a crescer numericamente, fora necessário que as divisões denominacionais ocorressem, desagregando de uma unificação denominacional, promovendo na cidade a presença de outras igrejas históricas.

Outra região que permite o ingresso dos protestantes no Estado de Goiás, segundo Bastos Júnior (1988), foi com o trabalho batista que chegou pela cidade de Catalão em 1914, através do missionário Salomão Luiz Ginsburg vindo de São Paulo e somente em 1920, é que organiza oficialmente a Congregação Batista em Catalão. Bastos Júnior (1988) diz que dois anos mais tarde a cidade de Ipameri foi a segunda cidade a receber os trabalhos batistas em solo goiano e em 1924, nas cidades de Cristalina, Tavares (Vianópolis) e Bonfim (Silvânia) foram organizadas igrejas batistas.

Os batistas vieram para Anápolis na década de 40 como instituição. Mas com a chegada do Pr. Severino de Araújo e sua família reuniram os batistas que já residiam na cidade e congregavam na Igreja Presbiteriana Independente. Um dos membros do concílio de organização da Primeira Igreja Batista em Anápolis foi o Pr. José da Cunha Bastos Júnior que pastoreava a Igreja em Ipameri - GO, mas no final de sua vida, já formado em direito pela Universidade Federal de Goiás, segundo Olímpio (1997, p. 37), “veio a ser professor fundador e vice-diretor da Faculdade de Direito de Anápolis”.

Na área da educação, com a criação do Colégio Couto Magalhães que começara com a primeira turma em 25 de fevereiro de 1932, que segundo Olímpio (2002) a primeira turma contava com quarenta e seis alunos e cinco professoras. Hoje, segundo dados da secretaria do colégio, conta com novecentos discentes e um corpo docente de setenta e sete, entre professores, coordenadores e direção.

As dificuldades que impediam os filhos dos anapolinos com menos

possibilidades financeiras de enviar seus filhos para Minas Gerais, a fim de concluir o Normal (hoje Ensino Médio), segundo Olímpio (1997, p. 54), fez com que em 1927, por “iniciativa dos Drs. Faustino Plácido do Nascimento e Carlos Pereira Magalhães fosse fundado o Instituto de Ciências e Letras de Anápolis,... pertenciam ao corpo docente os Drs. James Fanstone, Genseric Gonzaga Jaime, Jovelino de Campos, etc...”.

Mais tarde esta instituição de ensino passou a ser dirigida, segundo reportagem da Revista Classe A (S/D, p. 14), por “um grupo de religiosos, as irmãs salesianas de religião católica, que transformaram-na hoje no Colégio Auxilium”. Como essa transferência foi feita, de uma instituição criada por evangélicos para a direção católica, não encontramos documento que comprove, mas o que temos de informações de algumas pessoas que viveram naquela época, é que por ser uma instituição de origem evangélica ela não caracterizou como o Colégio Couto Magalhães – que possuía coordenação e corpo docente todo evangélico – até porque era uma escola do governo e os evangélicos a entregaram ao Estado para sua administração, que por sua vez repassou as Freiras católicas. Mas o Dr. Olímpio afirma que na década de 30 havia uma escassez de professores e o Dr. James Fanstone, que dirigia a instituição, estava tendo dificuldades para continuar devido a problemas no corpo docente, preferindo entregar a administração ao governo.

Com a criação do Hospital Evangélico Goiano, sonho do seu fundador, James Fanstone (1972, p. 43) “... desde a infância tinha sido meu ideal algum dia vir a ser médico missionário no Brasil...”. Esse desejo latente no coração do missionário carismático James Fanstone caracteriza como uma epopéia evangelizadora para a cidade de Anápolis, a ponto de transformar o local de

trabalho, hospital, em um local de pregação do evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo a todos quanto fossem em busca de tratamento de saúde. Ninguém, quer seja rico ou pobre, letrado ou não, não deixava as dependências do hospital sem ouvir das boas novas que o médico anunciava. Basta-nos colhermos os testemunhos das pessoas que foram atendidas quando tratavam de suas saúdes no Hospital.

O reverendo Nicomedes Augusto da Silva é um desses casos de evangelização do Dr. Fanstone. Mineiro de Sacramento, veio trabalhar em uma fábrica de calçados em Ipameri. “No trato com as máquinas sofreu brutal descarga elétrica e quando socorrido jazia como se estivesse morto” (Classe A, S/D, p. 19). Foi trazido de trem para Anápolis a fim de se tratar no Hospital Evangélico Goiano, causando marcas na vida do Dr. James Fanstone por vê-lo em situação que não era a sua especialização. “Chamou o pastor da Igreja, Reverendo Nicola Aversari, convocou as enfermeiras, chamou Dayse – sua esposa – e colocou todos ao redor da cama daquele jovem” (Classe A, S/D, p. 19). Passou a ser objeto de cuidados e orações da igreja. Nicomedes, ao ouvir a palavra de Deus, não teve como escapar ao chamado do Senhor, transformando-se em um missionário para o norte do Estado de Goiás.

Segundo Erasmo e Grubb (1932) o Hospital Evangélico Goiano possuía um médico, quatro enfermeiras, vinte e seis leitos e um atendimento de 1200 pessoas por mês. Muitos médicos e enfermeiras chegaram à cidade, engrossando as fileiras dos presbiterianos.

Somente no ano de 1953, é que a Igreja Presbiteriana do Brasil foi organizada na cidade. Assim como os membros da Igreja Metodista participaram da organização da Associação Educativa Evangélica em 1947, sem ainda estarem

organizados como denominação, os presbiterianos contribuíram para que as organizações destas instituições fossem criadas.

As Igrejas, Presbiteriana do Brasil e Cristã Evangélica de Anápolis, como as demais, nasceram no seio da Igreja Presbiteriana Independente. O reverendo Arthur Wesley Archibald – missionário americano da Missão Evangelical Union of South America (U.E.S.A.) – com vários irmãos fundaram a Igreja Cristã Evangélica de Anápolis em 1944, e três anos mais tarde cooperava para que Anápolis tivesse a Associação Educativa Evangélica, atuando na área da educação, ação característica dos puritanos. Segundo Émile-Guillaume (1981, p. 328), Anápolis em 1947, já “possuía outras tantas igrejas, três estabelecimentos de ensino evangélico”: o Colégio Couto Magalhães, o Instituto Cristão e a Escola de Enfermagem.

Chegou à cidade de Anápolis, no ano de 1937, outro missionário que desenvolvia um ministério voltado mais para a educação, especificamente teológica, o missionário Arthur Wesley Archibald e sua esposa Dona Mildred Anna Archibald e seus filhos Carolina e Gilbert. Vendo as necessidades de obreiros (pastores, missionários, evangelistas) para o campo, segundo Olímpio (1997), logo criou um curso breve para obreiros leigos em 1938, característica especialmente de uma epopéia evangelizadora dos líderes carismáticos. Ao contrário dos luteranos no sul do Brasil, quando criaram o seminário, segundo Sauer (1996, p. 108), era com a finalidade, onde

a educação teológica teria uma influência decisiva nas diretrizes pastorais da igreja depois de 1970. A nova teologia da América Latina achou as discípulas neste seminário, que

como os pastores e líderes, empurraria a igreja para declarações públicas contra e injustiça política.

Além de criar o Instituto Bíblico Goiano, hoje SETECEB, segundo Olímpio (1997) o reverendo Arthur Wesley Archibald idealizou e fundou com outros missionários desbravadores do evangelho em Anápolis a Associação Educativa Evangélica (AEE), cujo estatuto foi aprovado em 31 de março de 1947, abrangendo um complexo educacional de imenso tamanho e que tende a crescer mais no futuro, influenciando vidas como fez no passado e vem realizando no presente.



Seminário Teológico Cristão Evangélico do Brasil

Em 1961, foi criada a primeira faculdade do complexo: Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão, o nome desta faculdade é outro símbolo que os evangélicos utilizaram por causa de sua integridade como pessoa, mesmo não professando a fé evangélica; em 1968, foi criada a Faculdade de Direito de Anápolis (FADA); em 1971, a Faculdade de Odontologia João Prudente (FOJOP), hoje Faculdade de Odontologia de Anápolis (FOA); em 2000, a Faculdade de Educação Física e Faculdade de Administração com gestão em Finanças e Hotelaria; em 2002, a Faculdade de Fisioterapia, caminhando para um sonho antigo do idealizador Arthur Wesley Archibald, como mostra a foto.



Reverendo Arthur Wesley Archibald com os planos da futura Universidade Evangélica de Anápolis

O Instituto Cristão Evangélico de Goiás (ICEG) abriga, ampara, instrui civicamente, moralmente e espiritualmente as 132 crianças e adolescente de zero a dezoito anos de idade de ambos sexos, sendo órfãos, abandonados, carentes ou

vítima de maus tratos, violência e exploração que são encaminhadas através do Conselho Tutelar, Juizado da Infância e Juventude ou Promotoria da Infância e Juventude.

O trabalho que esta instituição realiza é a de assistência à saúde, alimentação, moradia, educação e formação para a vida. O interno deixa a casa após completar sua maioridade com o apoio para que não fique a mercê da vida.

A Igreja Metodista participou da organização da Associação Educativa Evangélica mesmo não tendo ainda sido organizado o trabalho em Anápolis, mas os seus membros, especialmente o reverendo Arthur Wesley Archibald, conseguiu as verbas junto a UESA (União Evangélica Sul Americana), segundo Erasmo e Grubb (1932) única missão que atuava em Anápolis na década de 40 com cinco missionários (ver 4 quadro em anexo), para adquirir propriedades e construir os primeiros prédios desta instituição. Somente em 1951, é que foi organizada a Igreja Metodista em Anápolis.

Segundo Émile-Guillaume (1981, p. 257)

o apoio financeiro às igrejas-mãe é solicitado, e obtido, apenas para as atividades de vanguarda (campos missionários), ou para as necessidades relativas ao desenvolvimento e fortalecimento do trabalho, estando a cargo da igreja toda a despesa de suas comunidades.

Por uma dupla de missionários suecos, a Assembléia de Deus é fundada em Belém do Pará e por uma família de italianos nasce a Igreja Congregação Cristã no Brasil em São Paulo, iniciando o pentecostalismo no país. Segundo Brandão (1988) foi com a desvinculação com as missões e igrejas estrangeiras que surgiam inúmeras igrejas espalhadas pelos rincões do Brasil dessas duas

instituições.

O pentecostalismo chegou à Anápolis através da Assembléia de Deus Ministério Madureira no final dos anos 30 início dos anos 40, quando várias pessoas mudaram para Goiânia em busca de trabalho, pois a capital do estado estava sendo transferida da cidade de Goiás. Segundo Conde (2000) após o trabalho da Assembléia de Deus Ministério Madureira ter sido implantado em Goiânia expandiu para todo estado chegando a Anápolis.

2.2. A Construção do Ethos Evangélico

Os responsáveis pela influência evangélica na vida dos anapolinos foram às condutas que os missionários carismáticos, com características puritanas, tiveram ao chegarem em Anápolis. Seus estilos de vida eram mais “holísticos”, ou seja, esses influentes evangélicos viam as coisas mais como um todo, pois nada poderia estar dissociado do ser humano. A sua vida mundana e espiritual precisava estar interligada o tempo todo. Basta vermos que todos estavam integrados na diversidade de crenças e compartilhavam de festas sociais. Segundo Parker (1996, p. 20)

... toda conscientização, atividade, e prazer, todo “emprego das criaturas” e desenvolvimento de poderes pessoais e criatividade, integravam-se na única finalidade de honrar a Deus, apreciando todos os seus dons e tornando tudo em santidade ao Senhor.

Por isso, não poderiam separar-se, porque não haveria junção entre as coisas do sagrado. Não somente em termos de segregação grupal, mas também

individual. Tudo o que faziam tinham que estar de acordo com o que ensinavam. Segundo Parker (1996, p. 20) “para eles não havia disjunção entre o sagrado e o secular; toda a criação, até onde conhecia, era sagrada, e todas as atividades, de qualquer tipo, deveriam ser santificadas, ou seja, feitas para a glória de Deus”, predominando uma vida prática das coisas aprendidas na Bíblia, ordenadas, sóbrias e simples de oração. O que fazia a segregação das coisas mundanas e promovendo uma forte coesão social entre os integrantes da comunidade religiosa protestante, pois eram extremamente rigorosos na conduta moral, pois segundo Èmile (1981, p. 246) “... esse” puritanismo “impede aos crentes um tipo de vida que constitui uma espécie de uniforme moral, com todas as vantagens que pode possuir um uniforme honrado, do qual queremos ser dignos”.

Os evangélicos presbiterianos, ao chegarem em Anápolis, estavam muito bem preparados para dar aos habitantes da cidade que ansiavam por clamor de respostas espirituais que solucionassem as ansiedades das suas vidas naquele novo contexto social, através da Bíblia Sagrada, onde tinham respostas mais convincentes para a conduta do indivíduo neste mundo, do que a religião católica estabelecida desde a fundação do povoado de Santana das Antas.

Numa análise que Souza (1999) fez da condição em que o Brasil foi organizado em relação aos Estados Unidos, de atraso, onde o catolicismo e o protestantismo são as referências para a análise. Os evangélicos que vieram para Anápolis, chegaram com uma melhor formação intelectual, a partir da terceira década do século XX, quando um médico, um jornalista e um advogado, que com a organização do Hospital Evangélico Goiano, muitos médicos e enfermeiras agregaram as fileiras dos evangélicos letrados de Anápolis, podendo transmitir a mensagem da fé confessada em melhor desenvoltura do que os que aqui estavam

e dos que surgiram a posteriori.

A condição social dos evangélicos letrados acabava impondo, psicologicamente, na vida daqueles que não tiveram condições de estudo, uma superioridade e prestígio que muitos se ajuntaram ao grupo por possuir um status de pertencerem à mesma grei. Exemplo dessa influência, é o que o Dr. Olímpio Ferreira Sobrinho relatou no lançamento do seu último livro, das experiências que tivera quando criança desses vultos do evangelho anapolino.

Os evangélicos que já se encontravam na cidade e mais os que foram chegando, por um motivo ou outro, formaram a Igreja Presbiteriana Independente, mesmo sendo oriundos de outras denominações diferentes, como era o caso do Dr. James Fanstone, Presbiteriano do Brasil; Arthur Wesley Archibald, Metodista; outros Batistas; Igreja Cristã; etc. Somente na década de 40 é que começaram a desagregar-se promovendo na cidade a presença de várias igrejas históricas, até porque o número de fiéis estava proliferando a ponto de ter que se dividir para melhor aproveitamento do trabalho missionário.

Com a chegada a Anápolis desses evangélicos letrados, o trabalho protestante toma uma postura mais arrojada. O Dr. James Fanstone organiza o Hospital Evangélico Goiano que não atua somente em suas dependências, mas várias clínicas à população carente são oferecidas, sem deixar de pregar o evangelho no início de cada atividade diária.

Cerca de oito anos após a chegada do Dr. James Fanstone e o trabalho na área de saúde crescendo, houve a necessidade de ampliação das dependências do hospital. Um edifício com quatro andares e elevador ostentava a fé pregada pelos evangélicos, onde Deus abençoava àqueles que lhe serviam.



Cidade de Anápolis com edifício do HEG



Hospital Evangélico Goiano.

Todas essas ações, na saúde e educação, que os evangélicos que vieram para Anápolis tiveram, são comparadas aos que os puritanos norte-americanos desenvolveram quando por ali chegaram. Tanto um como outro eram perspicazes na ação eficaz tanto no temporal quanto no espiritual. As ações na saúde e educação que os evangélicos desenvolveram foram no intuito não só de servir ao seu Deus, mas que outras pessoas também fizessem o mesmo.

Os Estados Unidos conseguiram implantar um domínio econômico, político e cultural no mundo através do que Sacvan Bercovitch (1988) chamou de logocracia,⁷ e internamente o que Max Weber (1982) denominou de plutocracia.⁸ Todo aparato foi dado pelos puritanos que migraram para a América do Norte, que souberam encontrar respostas que todos aceitassem. Era difícil de alguém se opor, quando a Bíblia, servia de respaldo para as explicações procuradas, mesmo não estando nela o que era dito. Os puritanos criaram um mito, utilizando-se da retórica bíblica, como Bercovitch (1988, p. 154) mostra: “no princípio era a palavra”,

⁷ Logocracia – sistema social de governo em que predominam as palavras. “Numa logocracia, ao menos nas mais conhecidas, toda medida, ofensiva ou defensiva, é reforçada por batalhas de palavras e guerras de papel;... ou em outro momento quando diz: “ser americano, é descobrir-se pela profecia. É reformular a identidade de alguém dentro de um “plano divino”, onde a forma é a Palavra da promessa, e a reformulação é o processo ritual pelo qual o texto chega à vida, Logos torna-se logocracia” (Bercovitch, 1988, ps. 142, 151).

⁸ Plutocracia – a influência da classe rica no governo de uma nação, dominando a vida econômica internamente, subjugando através do poder financeiro as classes mais baixas da sociedade e influenciando o poder governamental.

“América”, e a palavra estava na Bíblia, e a palavra foi feita carne nos americanos, esta nova raça de humanos, destinados a construir uma brilhante cidade sobre uma colina.” Como destaca Elliot (1988), os imigrantes europeus – puritanos – ignoraram os habitantes da América do Norte e só conseguiram enxergar as promessas divinas distorcidas das escrituras. E ainda segundo Elliot (1988, p. 144), “eles simplesmente não viam nenhuma cultura nativa ali, apenas um vasto continente a ser conquistado”. O que mais tarde absorve a promessa divina do judaísmo de mostrar ao mundo quem era o seu Deus e também a responsabilidade do cristianismo de levar a salvação aos confins da terra.⁹

As características desenvolvidas pelos evangélicos em Anápolis assemelham-se em muito a dos puritanos norte-americanos. Tanto em Anápolis quanto nos Estados Unidos os protestantes não dissociavam o temporal do espiritual. Ambos tinham que estar em verdadeira sintonia, onde a vontade carnal não poderia atrapalhar a relação com o sagrado e vice-versa.

Segundo Bercovitch (1988, p. 151), mostraram-se “revolucionários – idealistas” a ponto de modificarem as condições de uma sociedade – quer nativa ou imigrante. Também na religião agiam como Bercovitch (1988, p. 151) destaca, “dissidentes radicais : não conformistas por profissão e idealistas militantes por temperamento” e com respeito ao calvinismo e condutas seguras, “representavam as forças da modernização que iriam moldar a cultura americana”, tornando assim, influentes numa nova sociedade. Não porque eram inveterados por lucros, pois eram advogados, comerciantes, artesãos, mas sim por serem crentes na Palavra. A Bíblia – sola scriptura – era reversivelmente indiscutível e única regra de fé e prática, segundo Bercovitch (1988), eram obsessivos na Palavra que santificaram

⁹ Dt 28.10 “todos os povos da terra verão que levas o nome de Iahweh...” e At 1, 8 “... e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra”.

uma sociedade, possuíam uma missão histórica, convocada por Deus, como mencionamos anteriormente. Como Elliot (1988, p. 116) aborda sobre o que ocorreu em 1984, no partido Republicano norte americano:

um grupo de protestantes evangélicos tornara-se tão poderoso na política nacional que seus membros podiam falar abertamente em selecionar Suprema Corte, em avaliar o patriotismo nacional de um indivíduo com base na sua fé religiosa, em alterar leis e influenciar eleições a fim de promover suas próprias posições morais e crenças religiosas.

Essa sociedade tinha a missão de identificar as metas, segundo Elliot (1988, p. 122), “pessoais com as da comunidade”, entretecendo o espiritual e o social com progresso privado e associado; outra missão que Bercovitch (1988, p. 146) mostra, era a de “corroer obediências passadas, genealógicas e nacionais”.

A mesma conduta tiveram os líderes evangélicos que chegaram a Anápolis, quando as pessoas se convertiam ao protestantismo. Eles deveriam abandonar os líderes espirituais, igrejas, e se fosse o caso, até os familiares, interpretando uma passagem bíblica, onde Jesus diz em Mt 10, 37: “aquele que ama pai ou mãe mais do que a mim não é digno de mim...”, ou associando a conquista da Canaã bíblica ou assemelhando a missão dada por Jesus à igreja em Mc 16, 15 “... Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura...”.

Weber mostra (1989) que o membro que quisesse fazer parte da igreja evangélica americana precisava ter qualidades e prová-las sempre que fosse necessário. Tanto na América do Norte quanto em Anápolis os líderes evangélicos estavam em pontos estratégicos para desempenharem seu papel na missão divina. Assim foram as atuações que os evangélicos de Anápolis tiveram com respeito à

educação para seus filhos, onde as autoridades políticas exerciam uma conduta que não faziam objeções da forma como a religião era ensinada nas escolas.

Insatisfeitos com a atuação das escolas públicas que faziam com que os filhos dos evangélicos beijassem, ajoelhassem aos pés das imagens dos “santos” católicos, é que tomaram a iniciativa de organizar uma escola sem essas práticas religiosas. O que nos mostra Conde (2000) já mencionado anteriormente no princípio deste capítulo.

Em um fragmento do Jornal *A Luta* (11 de abril de 1933) o Dr. Carlos Pereira de Magalhães escrevera sobre a situação do ensino religioso nas escolas públicas de Goiás, especialmente em Anápolis, contra essas práticas que obrigavam aqueles que professavam outra religião sem ser a oficial:

Passo a expor o meu ponto de vista sobre a inconveniência de o ensino religioso ser ministrado nas escolas. Não tendo, portanto, um governo, e um governo democrata como o nosso, o direito de impor aos filhos de sua terra uma religião que não está de acordo com as suas convicções.

As casas de ensino primário são freqüentadas por uma variedade de crianças, todas elas com princípios religiosos diversos, o que pode ocasionar inimizades e antipatias entre elas, e, mesmo, perseguições de parte de alguns professores que professam religião contrária à do aluno.

Acho que a religião deve ser aprendida nas igrejas. Lá, sim, deve-se tomar todo cuidado em ministrar às crianças os belos ensinamentos legados a nós por Jesus Cristo, que disse: “Deixai vir a mim as criancinhas, porque delas é o reino do céu”.

A religião não sendo praticada com devoção e fé,

não produz o efeito salutar de deixar a alma em íntimo contato com o criador. E não é nas escolas que se conseguirá esse amplexo da criatura com o Criador, mas sim na igreja, porque nas escolas as crianças fazem as práticas maquinalmente, brincando, sem espírito nenhum de religiosidade.

Os protestantes, de ambos os lugares, agiam sobre as suas vidas não esperando que outros assim o fizessem por eles. Os protestantes faziam com que as coisas desse tempo presentes ocorressem dentro da vontade divina. Assim irão construir creches, hospitais, orfanatos, escolas, etc., para que a fé no seu Deus fosse repassada como sendo vontade do próprio Deus através de Jesus que imperava a ordem aos seus seguidores em Mt 28, 19: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do espírito Santo”.

Por outro lado, Weber (1984) diz que os cristãos norte-americanos eram vigiados o tempo todo, e especialmente no que Brandão (1988) diz, se os fiéis estivessem praticando as mesmas coisas que os incrédulos: bebendo, fumando, dançando, prostituindo, etc. Pois o Dr. James Fanstone escrevendo sobre a prática da bebida alcoólica mostra os seus perigos em uma palestra dos prazeres mundanos publicado pela Casa Editora Aplic – Goiânia em 1982. O tema da palestra era “*A abstinência total das bebidas alcoólicas como sendo a melhor regra para o cristão evangélico*”. Ao falar sobre esse tema, dividiu sua palestra em três tópicos, onde o último tópico mostrava descobrir “que temos uma grande responsabilidade pelo nosso irmão na atitude que assumimos”.

Segundo Weber (1982) quando analisava a condição do fiel norte americano sobre esses aspectos, mostra que essa atitude de resguardar dos vícios marcará até mesmo o comércio que não embrenhará por negócios que terão

reprovação de uma sociedade que condena essas práticas. Será que em Anápolis a vida comercial seguiria embasada nos princípios puritanos de abstenção dos vícios? Weber (1982, p. 350) apresenta que na sociedade americana “a admissão à congregação é considerada como uma garantia absoluta de qualidades morais, especialmente as qualidades exigidas em questões do comércio”, não poderia ser o caso de Anápolis, mas como os evangélicos viriam construir uma identidade religiosa?

A identidade religiosa que os protestantes do Estados Unidos criaram ao longo dos séculos, segundo Bloom (1994), possui vários problemas de caracterização unificada, tendo em vista a forma como os cristãos são caracterizados, porque os Estados Unidos possui várias religiões que também têm a mesmas características que o cristianismo apresenta, mórmons, judeus, islâmicos, etc. Segundo Bloom (1994) o cristianismo dos Estados Unidos é mais um cristianismo gnóstico do que cristianismo da verdade. O que para Bloom (1994) a identidade estadunidense apresenta fragilidade em não caracterizar como predominante entre os demais segmentos do próprio cristianismo ou outra religião.

Por um lado, em Anápolis, havia um catolicismo que até os dias de hoje não faz tanta separação entre sagrado e profano, em uma dimensão – sagrado, profano – que os protestantes crêem. Mas com certeza os têm, e é Hobsbawm (1984) quem caracteriza em uma outra proporção, que não vem ao caso no momento. Mas segundo Hobsbawm (1984) para os protestantes, ter relações com as coisas desse “tempo presente” era opor-se a Deus, ao sagrado. Beber, fumar, festas regradas com esses elementos e danças eram coisas do “inimigo”, não permitem que os fiéis pratiquem tais atos. Porque os evangélicos seguem a tradição religiosa que exportaram, especialmente da América quando, segundo

Weber (1982) as vidas dos que professavam seriam investigadas nessas condutas.

A identidade que os evangélicos vão formando em Anápolis é justamente aquilo que através da Bíblia foi ensinado aos fiéis que deveriam separar-se de tudo que estaria oposto a uma dimensão sagrada, daquilo que era terreno, profano; baseado no que o apóstolo Paulo ensinava aos crentes da cidade de Colossos: “... Mortificai, pois, os vossos membros terrenos: fornicação, impureza, paixão, desejos maus, e a cupidez, que é idolatria...” (Cl 3,5). Segundo Hobsbawm (1984, p. 34) “de um lado coloca o sub e o sobrenatural, o celeste e o demoníaco, e, do outro, aquilo que é profano porque é” do mundo “, em uma visão inicial que depois modificará”.

Toda visão que os evangélicos possuíam estavam integradas umas as outras. Segundo Weber (1982), especificamente porque os letrados racionalizaram a vida que deveriam viver aqui na terra, sem afastar-se do contato com o divino. E que Weber, *apud* Domingues (2000, p. 215) em sua obra *A cidade*, afirma:

“A tendência para um racionalismo prático na conduta é comum a todas as camadas cívicas; é condicionada pela natureza de seu modo de vida. Muito desprezado dos laços econômicos com a natureza. Sua existência total baseou-se em cálculos tecnológicos e no domínio da natureza e do homem, por mais primitivos que fossem os meios à sua adaptação”.

Segundo Weber (2000) o que para os católicos era uma forma de afastar-se do divino, transformando uma indiferença diante aos bens materiais, ou seja, para os católicos era uma crítica ao materialismo de secularização de todos os ideais dos protestantes. Pois seria impossível uma vida vivida nessas práticas conseguisse agradar a Deus. As atividades seculares dos evangélicos eram uma

crítica ao modo de vida do catolicismo, porque os católicos não viviam a vida do modo como os protestantes criam que Deus deixara para que os seres humanos vivessem, ou seja, desfrutando de tudo que Deus criara para o bem estar da sua maior criatura – o ser humano. É o que nos mostra Domingues (2000, p. 221),

a racionalização, o desencantamento do mundo, o individualismo econômico, com uma atomização social que teria como corolário a superposição de uma burocracia todopoderosa ao tecido social, levavam à desagregação da comunidade humana.

Mas que para os evangélicos estavam interligadas com as sagradas. Não faziam nada se não consultasse o seu Deus. E foi justamente nessa perspectiva que o catolicismo passou a ser limitado como religião dominante e influenciadora na sociedade anapolina.

Se tomarmos esse pormenor do alheamento do mundo religioso, percebemos que em outras cidades do Brasil, como em Trindade e Pirenópolis, Ceres e algumas cidades do Sul do país, especialmente com os luteranos isso não acontece. Assim como os calvinistas franceses eram caracterizados como alheados ao mundo, enquanto que os católicos do norte da Alemanha, para Weber (2000, p. 24), “têm uma importância que a religião apenas costuma ter para poucos no mundo”. Então esse fator de alheamento do mundo não é o suficiente para dizermos que os evangélicos predominaram na sociedade anapolina, chegando a ter uma hegemonia da comunidade, a menos que se verifiquem outros fatores como o ascetismo e a devoção eclesial por um lado e a participação industrial do capitalismo do outro.

Os protestantes germânicos, especificamente os luteranos que se dirigiram para o sul do Brasil, organizaram várias grupos que denominaram de Igreja Evangélica Germânica no Brasil (Deutsche Evangelische Gemeind), segundo Erasmo e Grubb (1932, p. 51) “compondo o Sínodo Evangélico do Rio Grande do Sul, o Sínodo do Brasil Central e o Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados”.

Ao abordar sobre a história dos luteranos no Brasil, de acordo com Dreher et al. (1989, p. 30).

Tais fatores da população de ordem econômicos e históricos, evidentemente tinham conseqüências compressões da história da IECLB; os antepassados dos Luteranos Brasileiros estavam sendo trazidos para este país como um contra peso para os negros, substituindo a mão-de-obra escrava, mas eles não condiziam à exibição de necessidade de solidariedade com o povo negro. Conseqüentemente, a sociedade do IECLB foi por muitos anos tipicamente classe média, até mesmo se seus sócios fossem, por razões históricas, até muito recentemente, de origem rural e agrícola.

Um quadro demonstrativo desta migração de germânicos para o Brasil pode ser encontrado no livro de Erasmo e Grubb, *The Republic of Brazil* (1932), onde mostra que a população da região sul brasileira era de sua maioria evangélica em relação à católica (ver anexo 2).

Um exemplo de como eram essas migrações para a região sul do Brasil é encontrado no livro de Reily (1993) um relatório do pastor luterano João Ehlers do século XIX (1844) sobre a cidade de São Leopoldo – RS que tinha uma população característica de imigrantes alemães. Reily (1993, p. 56) diz que

numa área de dezesseis léguas quadradas, deve-se falar quase que exclusivamente o alemão, vê-se apenas rostos alemães, (encontram-se apenas) a língua, trajas, costumes e hábitos, economia, gentileza e descortesia, rudeza, e às vezes a falta de caráter e habilidade alemãs.

Dentre os habitantes da região de São Leopoldo – RS no século XIX, segundo Reily (1993) era de 5.400 almas e cuja religião, predominava os evangélicos com dois terços, com sete templos: um na cidade, três nas enseadas da mata virgem, três no campo e um ainda em construção. Enquanto que os católicos tinham quatro templos: um na cidade e três nas enseadas da mata virgem.

Portanto, não se pode dizer que o sul do Brasil, com os luteranos, poderia possuir as mesmas características da evangelização de Anápolis, pois com esses germânicos a religião tem a mesma função dos católicos anapolinos. É uma religião rural e não urbana, e também de grupos étnicos aonde, segundo Sauer (1996), os pastores luteranos vieram apenas para dar assistência espiritual aos imigrantes germânicos, e não de uma ação missionária, como ocorreu com os evangélicos em Anápolis.

Os evangélicos anapolinos agiram com o que sempre era comum desde as suas origens, evangelização, criação de instituições de assistência social, educação, saúde e religião urbana.¹⁰ Souberam usufruir o progresso que a cidade

¹⁰ Para Erasmo e Grubb (1932, p. 79), “as comunidades protestantes em São Paulo e Rio tiveram que enfrentar o problema de ajuda médica para os seus membros que foram perseguidos nos hospitais públicos por ter recusado confessar aos padres. Em São Paulo as igrejas evangélicas e os protestantes entre os habitantes estrangeiros organizaram uma associação para construir um hospital que eventualmente passou do controle das igrejas para as mãos de uma associação secular privada. Este hospital fez valiosos serviços a sócios das igrejas evangélicas e para os moradores estrangeiros na cidade. Membros das igrejas no Rio formaram (1887) uma associação

estava buscando para deixar a característica de rural.

Segundo Weber (1982) em análise a sociedade americana, proporcionaram à comunidade a perspectiva de um progresso com as bênçãos divinas para o momento em que estavam vivendo e não para um futuro que não tinham como usufruir aqui e agora. Assim como Domingues (2000, p. 222) apresenta que “a cidade configura-se como espaço da liberdade e da autonomia...”, onde as ações dos evangélicos em Anápolis são caracterizadas como a religião que utilizou a função do profeta, que se mostrava como profecia tanto “exemplar” como “emissária”, para apontar o caminho da salvação numa vida contemplativa e apático-extática, e a emissária, segundo Weber (1982, p. 328) “dirige ao mundo em nome de um Deus. Ambas são exigências éticas; e têm, com freqüência, um caráter ascético preponderante”.

Um dos tipos da religião ascética é abster-se de permanecer apenas como contemplativa e nem permanecer numa união duradoura com um ser supramundano e ao menos numa *unia mystica* a ser vivenciada através da orgia ou estático-apaticamente, segregando de uma vida cotidiana e da realidade mundana afastando do sagrado, conforme Weber (1982), separando do mágico ou sacramental que são proporcionados pelos meios da graça e concentra a ação em uma natureza cotidiana racional.

Com base na leitura de Olímpio, Fanstone, Erasmo e Grubb, é possível afirmar que os líderes carismáticos evangélicos anapolinos submetiam em um ascetismo do mundo, vivendo uma vida extremamente zelosa e cheia de exemplo de vida para os demais crentes, numa abstenção de festas regrada a bebidas, danças, etc. e pontualidade e responsabilidades nos negócios, como era a postura

para construir um hospital, debaixo da pressão de circunstâncias idênticas. O Hospital Evangélico no Rio é agora conhecido como um das melhores instituições de seu tipo na cidade...”.

que os líderes evangélicos testemunharam, onde a graça e o estado escolhido do fiel evangélico que qualificava a sua vida diária a um ser supremo era diferente do ascetismo contemplativo dos católicos na cidade.

O que Weber (1982, p. 335) comprova sobre esse tipo de ascetismo, na sociedade americana, ao dizer que “não o fazem na vida cotidiana como existe, mas nas atividades metódicas e racionalizadas de vida de trabalho diário e serviço do Senhor”.

O trabalho que os médicos realizavam na cidade não era apenas nas dependências do Hospital, é o que nos mostra Wilding (1979, p. 38), mas “... havia quatro clínicas externas por semana; duas para leprosos e duas para os pobres”, tanto no hospital como nas clínicas sempre iniciava os trabalhos com um culto, que era dirigido sempre pelo Dr. Fanstone.



Culto no Hospital Evangélico Goiano.

Segundo Weber (2000, p. 32) “a honestidade é útil porque assegura o crédito; do mesmo modo a pontualidade, a laboriosidade, a frugalidade, e, esta é a razão pela qual são virtudes”, os evangélicos em Anápolis atuaram não na indústria ou comércio, mas com esse princípio de utilitarismo na religião, recebendo o crédito dos habitantes de Anápolis que perceberam que haviam mais zelo e cuidado pelas suas vidas espirituais do que dos sacerdotes católicos, pois a frugalidade era a razão de suas virtudes, de seu ethos. Segundo Weber (2000, p. 108) em análise da religião americana, fazendo com que assumissem uma forma específica de ascese secular em que “a honestidade é a melhor política”.

Como identidade desenvolvida pelos evangélicos em Anápolis percebemos que espelham nos moldes do puritanismo norte-americano. Que para Weber (2000 p. 83).

O ascetismo puritano, como todo tipo de ascetismo “racional”, tentava habilitar o homem a afirmar e a fazer valer os seus “motivos constantes” especialmente aqueles que foram por eles adquiridos em contraposição aos sentimentos...,

onde uma vida íntegra e com relação ao material e espiritual estão intermitentemente ligados, não vendo nenhuma dissociação de nenhum desses elementos em sua vida. Segundo Weber (1982), até porque procuravam justificar suas fortunas no merecimento da graça divina, enquanto que os menos afortunados também recebiam aquilo que merecem, ou que Weber (2000, p. 33) diz, “a idéia do dever profissional é a mais característica da” ética social “da cultura capitalista, e, em certo sentido, sua base fundamental”.

O que para Weber (1982) o ser humano procurava eliminar seus sofrimentos, especificamente os da graça salvadora procurando o líder muitas vezes para suprir o que a comunidade não lhes garantia alívio espiritual. Assim o porta-voz tornava o profeta que normalmente conduzia a fé do converso a uma vida mais ascética, especialmente nos evangélicos anapolinos dominava essa prática.

Weber (1982) diz que os oprimidos careciam de um redentor e profeta, enquanto que os afortunados não precisavam, no entanto, percebe-se que os líderes em questão, do protestantismo anapolino, podem ser visto como profetas, que conduziam os fiéis ao Redentor.

Podemos perceber que um dos fatores que pôde servir de ajuda aos evangélicos anapolinos na conquista da hegemonia religiosa na cidade foi com respeito à mensagem salvífica. Isso despertou para uma nova forma de responder os anseios espirituais de uma comunidade que estava procurando respostas para esses sentimentos. O que o testemunho de cada crente evangélico foi o que transmitia a idéia de libertação espiritual do incrédulo, ou do não salvo, na razão e na consciência, que aguardava por essa glória em momentos futuros. Nas comemorações dos 70 anos do Hospital Evangélico Goiano, a Deputada Federal Lídia Qinan disse a respeito do trabalho do Dr. James Fanstone: “A presença do Dr. James Fanstone na sociedade anapolina não se limitou ao setor saúde, na criação do Hospital Evangélico, da Escola de Enfermagem Florence Nightingale. Ele deixou plantadas também as sementes na área da cultura e, principalmente, evangelizou baseado nos princípios e nos mandamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Este foi o seu maior legado – mostrar o caminho da salvação em Cristo”.

O que Weber (2000, p. 104) diz que foi realizado através da “autoridade única da Bíblia, e deu início a um desenvolvimento que, em seu termo, eliminaria

radicalmente todos os resquícios da doutrina da salvação através da igreja”.

2.3. A Criação de Nova Tradição

A construção de uma nova identidade religiosa protestante numa sociedade católica em Anápolis, pode ser explicada, primeiramente, porque o catolicismo não teve tempo de se firmar como tradição religiosa na vida urbana de Anápolis. Os evangélicos encontraram uma cidade em processo de urbanização, sem essa tradição solidificada, podendo criar uma nova tradição. Hobsbawm (1984), com seu conceito de “nova tradição” permite considerar esse processo.

As ações evangélicas em Anápolis vão caracterizando uma identidade que será usada a tradição velha, essa importada pelos missionários e criando uma nova tradição que marcará a vida dos habitantes de Anápolis, a ponto de prevalecer sobre as outras tradições.

As alterações das tradições ocorrem com maior tendência quando o progresso assolava a vida da igreja, proporcionando transformações rápidas da comunidade acostumada com os padrões antigos, de acordo com Hobsbawm (1984, p. 12), “... produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis...”, surgindo novas tradições.

Segundo Hobsbawm (1984, p. 12), o que proporciona “quando as velhas tradições, juntamente com os seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminados de outra forma”. Nem mesmo um novo elemento que é usado, tanto pelo sacerdote quanto pelo profeta – que é o leigo – pôde ser útil na manutenção das tradições antigas. Segundo Hobsbawm (1984, p.

13), essas alterações nas tradições antigas são porque eram “rígidas e se tornaram rapidamente obsoletas; e também que as novas tradições surgiram simplesmente, por causa da incapacidade de utilizar ou adaptar as tradições velhas”. O que Weber (1982, p. 332) reforça ao dizer que eles estariam “afastando-os da vida cotidiana e de toda conduta prática”.

Os evangélicos em Anápolis fizeram através do relacionamento profeta e leigo – caracterizando mais como uma relação com o profeta do que sacerdotal. Segundo Rolim (1996), enquanto que no relacionamento profeta-leigo há sempre um caráter pessoal e afetivo, ficando bem claro na influência que estas exerceram com seus fiéis desde o início de sua chegada à região. Como mostra o exemplo disso pelo Dr. Fanstone (1972, p. 132) ao relatar a relação dos líderes eclesiásticos com os leigos no surgimento das igrejas em Anápolis, “quatro pastores, dois estudantes de medicina e um membro da diretoria conduzem os 15 minutos de culto cada dia da semana, quando um ou outro falha, eu estou pronto, com uma de minhas” mensagens matinais ““.

Exemplo da preocupação com as vidas dos que entravam no Hospital Evangélico Goiano para tratar da saúde, especialmente aqueles que tinham que ter um cuidado especial eram colocados no leito próximo ao púlpito das enfermeiras. Assim ocorreu com o Sr. Inácio Sardinha, Nicomedes Augusto da Silva, etc.

Além de mostrar no capítulo 29 (Fanstone. 1972, p. 134) os trabalhos que as enfermeiras realizavam fora das dependências do Hospital Evangélico Goiano, “elas gostavam de visitar e dirigir reuniões evangélicas nas cabanas de pessoas muito pobres do outro lado da cidade”.

A identidade religiosa criada pela religião católica aconteceu sem alterar as tradições religiosas locais. Para Hobsbawm (1984, p. 9 e 10) “o passado histórico

no qual a nova tradição é inserida não precisa ser remoto...” e Anápolis não possui esse passado, ou o tempo para que tradições, num sentido estrito pudessem enraizar na sua vida urbana. A realidade anapolina confirma o sentido de uma identidade religiosa quando, na metade do século XX, com a chegada dos pentecostais, realmente haverá uma alteração no meio evangélico, que mencionaremos mais tarde ao abordarmos sobre esse assunto de ramificação dos evangélicos.

Quanto aos padrões adotados pelos evangélicos na construção de sua tradição, vão buscar as mesmas que as igrejas evangélicas, antigas ou históricas já haviam estabelecido, desde sua fundação, como fator preponderante do bom cristão. Conhecer bem a Palavra de Deus, que está na Bíblia Sagrada, pois ela – a Bíblia – para os evangélicos é a Palavra de Deus. Assim entendia um dos líderes dos evangélicos na década de 30, quando diz “... o educar religiosamente as criaturas é missão que às igrejas foi confiada por Deus...” (A Luta. 11 de abril de 1933). Esta tradição só se construía com o estudo sistematicamente e metodicamente da Bíblia em casa¹¹ e na igreja através da escola bíblica dominical.

Era uma situação nova para os integrantes da fé protestante na cidade de Anápolis e para o povo. Hobsbawm (1984, p. 10) afirma que, quando faz menção dessas novas tradições, “... elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória”. Muitos nem sabiam que havia escola em igrejas e que tinham como cunho o único estudo da Bíblia, apesar de novo, moderno, era algo bastante antigo que segundo Hobsbawm (1984, p. 10) “é o

¹¹ Carlos Pereira de Magalhães em fragmentos do Jornal *A Luta*, combatendo sobre o ensino religioso nas escolas públicas reforça essa idéia da educação religiosa ser tarefa do lar com a educação do berço, onde afirma “...os pais que quiserem ver seus filhos transformados em

contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social...”. Queremos lembrar que Hobsbawm (1984) faz a explicação de que isso não tem nada com o costume,¹² apesar de haver repetições nessa tradição do estudo da Bíblia dominicalmente, dia, local e hora determinado sistematizado, mas não costumeiro.

2.4. A Bíblia no Brasil

A Bíblia na língua portuguesa chega ao Brasil primeiro que os missionários. Segundo Elben (2000) a Bíblia em português chegou timidamente em 1814. O missionário Daniel Parish Kidder foi o primeiro representante da Sociedade Bíblica Americana a fixar-se no Brasil e propôs a Assembléia Legislativa da Imperial Província de São Paulo o uso das Sagradas Escrituras em português nas escolas primárias. Assim o Jornal do Commercio de 12 de dezembro de 1837 publicou a seguinte matéria e que Elben mencionou (2000, p. 65):

Vende-se por 1\$000 (um mil réis), na rua Direita, nº 114, o Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo, traduzido pelo Ver. Padre Antonio Pereira de Figueiredo. Este livro é muito recomendável a todos os mestres e diretores de aulas e colégios do Império do Brasil, para o adotarem como livro de

verdadeiros homens, úteis à comunidade tanto do ponto de vista humano como místico, não podem prescindir dessa grande verdade” (A Luta. 11 de abril de 1933).

¹² Hobsbawm (1984). O “costume” não pode se dar ao luxo de ser invariável, porque a vida não é assim nem mesmo nas sociedades tradicionais. Costume é o que fazem os juizes. Tradição – no caso – tradição inventada, é a peruca, a toga e outros acessórios e rituais formais que cercam a substância, que é a ação do magistrado. Uma Segunda diferença, menos importante, entre “tradição” no sentido a que nos referimos e a convenção ou rotina, que não possui nenhuma função simbólica. Nem ritual importante, embora possa adquiri-las eventualmente. É natural que qualquer prática social que tenha de ser muito repetida tenda, por conveniência.

instrução para os seus alunos, porque nele se acha o tesouro mais precioso que o homem pode exigir neste mundo. Ele é a fonte de luz, a fonte de moral, a fonte de virtude, a fonte de sabedoria.

Destarte, a Bíblia chega em 1814, enquanto os missionários em 1855. Segundo Elben (2000) cada fiel deveria possuir seu próprio exemplar da Bíblia e conhecer o seu conteúdo, na certeza de que ela é “a única regra de fé e prática”. Após a chegada dos missionários, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira abriu um depósito permanente na cidade do Rio de Janeiro, a fim de agilizar a distribuição das Sagradas Escrituras.

Os colportores foram também os responsáveis para a circulação da Bíblia no Brasil, especialmente a da tradução do padre Antonio Pereira de Figueiredo, por ser de origem católica e fácil de aceitação. Segundo Fanstone (1972), F.C. Glass mudou de profissão, de engenheiro de uma companhia britânica para vendedor ambulante de artigos religiosos, tornando embaixador do evangelho no interior do Brasil. Outro exemplo que o Dr. Fanstone (1972) nos fornece, agora mais específico em Anápolis, é o caso do Reverendo Archibald Tipple que tinha uma cota de 5.000 exemplares da Bíblia, Novos Testamentos, Evangelhos e porções bíblicas, além de milhares de folhetos evangelísticos para distribuir anualmente na cidade de Anápolis.

Para os evangélicos protestantes, o fiel precisa, não somente adquirir a Bíblia,¹³ mas estudá-la e principalmente conduzi-la especialmente para a igreja.

¹³ “Em 1930, os americanos e a Sociedade Inglesa distribuiu no Brasil 250,749 cópias das escrituras. Com circulação total estimada em 300,000, com ajuda de outras fontes”. Os ingleses e a Sociedade Bíblica Foreign no mesmo ano distribuiu através do Reverendo Alexander Telfard um total de 89,945 volumes da Bíblia toda, somente o Novo Testamento e algumas partes da Bíblia. A Sociedade Bíblica Nacional da Escócia um ano antes já havia distribuído 98,882 volumes da mesma característica que fora realizada pelos ingleses e no ano seguinte (1930) 430,533, levando um total de 810,262 volumes. Mencionamos aqui apenas três entidades que espalharam a Bíblia no Brasil,

Segundo Erasmo e Grubb (1932, p. 94) “esta penetração evangélica na vida da comunidade é um importante fator na criação da consciência pública em acordo com os ideais cristãos”. Voltemos ao exemplo já mencionado anteriormente de Joaquim Inácio Roriz que ao converter a nova fé, adquire vários exemplares da Bíblia no Rio de Janeiro e introduz em Minas Gerais e Goiás. Mesmo que o fiel protestante não soubesse ler, deveria conduzir sua Bíblia quando fosse prestar culto ao seu Deus no templo.

Os evangélicos buscam construir uma nova tradição nas coisas que as igrejas antigas já realizavam. Conhecer bem a Bíblia – que para eles é a Palavra de Deus – era preciso aprofundar nos ensinamentos que ela contém nas próprias dependências da igreja, o que importaram o modelo da Escola Bíblica Dominical. Esse estudo sistematicamente da Bíblia, a igreja católica não realizava com os seus fiéis, e que para os habitantes de Anápolis era algo novo, mas para os pastores missionários era antigo. Essa foi uma tentativa de estruturar a vida social e que funcionou na cidade de Anápolis, pois mudaria em muito a postura social dos indivíduos que não possuíam hábitos de uma religiosidade mais participante com o sagrado.

A investida no ensino era fundamental para que a população percebesse quem tinha a verdade do sagrado. Os fiéis católicos não possuíam a Bíblia para fazer a mesma coisa que os bereanos,¹⁴ enquanto que os evangélicos faziam questão de que todos tivessem a literatura em mãos e não somente isto. Sem a literatura, especialmente a Bíblia, em mãos fica mais fácil de administrar a palavra. Segundo Anderson (1989) foi assim antes da era da imprensa na Europa, quando a

mas outras agências engrossaram esses números numa perspectiva de que todos pudessem ter a Bíblia. Ação diferenciada da Igreja Católica (Erasmo e Grubb. 1932, p. 72ss).

¹⁴ (bereanos eram o povo de Beréia que ouvindo o evangelho dos missionários iam conferir se era verdade o que estavam ensinando – At 17, 11)

religião católica romana ganhava facilmente as guerras contra as heresias, porque não havia literatura suficiente para todos e somente a igreja tinha os oficiais letrados em condições de interpretar melhor os textos bíblicos que causavam problemas com os dogmas da Igreja.

Segundo Anderson (1989), quando analisa a situação europeia da época da Reforma, os reformadores se utilizaram da literatura na mão do povo no século XVI, os evangélicos fizeram, no século XX na cidade de Anápolis, implantando uma tradição antiga para criar uma nova tradição. Com uma literatura divulgada, tornava mais facilmente permanecer por longo tempo, o que Anderson (1989, p. 54) diz que “o livro impresso mantém uma forma permanente, passível de reprodução virtualmente infinita, temporal e espacialmente”, deixando de ser monopolizado por um único grupo religioso, como fora o caso dos escribas monásticos.

Isto na verdade, segundo Hobsbawm (1984), cria redes de convenção e rotina, pois suas justificativas eram técnicas e não ideológicas, que passou a ser até mais importante para alguns do que conhecer o que a Bíblia tinha para ensinar.

Para os pentecostais, segundo Brandão (1988, p. 48),

ser “crente” significa haver-se convertido ativamente a uma religião e haver-se militantemente incorporado a uma igreja, a uma congregação de fiéis que rege a vida do crente e polícia de perto todos os aspectos do exercício diário de uma identidade social que a religião domina.

Apesar dos evangélicos históricos terem procedimentos iguais, os fiéis não eram tanto fiscalizados como os pentecostais.¹⁵ O mesmo acontecerá no último

¹⁵ “quando eu era menino, o filho do Pr. G. P. O. que torcia pelo Vasco da Gama ia assistir o futebol na televisão, que era proibido pela igreja Assembléia de Deus, em minha casa. Como lá todos eram

quartel do século XX, com a chegada dos neopentecostais. Surgindo novas formas de suplantar as velhas tradições.

O pentecostalismo inicia uma construção de uma nova tradição quando chega a Anápolis, que para os evangélicos históricos, segundo Brandão (1988, p. 35), “a sua forma de culto preservava a tradição evangélica restauradora que a igreja reproduz através dos anos, enquanto o pentecostalismo é uma expressão popular de banalização da ‘fé evangélica’”.

Na compreensão de Eric Hobsbawm (1984, p. 13) essas alterações nas tradições antigas é porque eram “rígidas e se tornaram rapidamente obsoletas; e também que as” novas “tradições surgiram simplesmente, por causa da incapacidade de utilizar ou adaptar as tradições velhas”. Mas a nova tradição adapta velhos costumes em condições novas ao da tradição antiga, aquilo que lhe for necessário conservar, como é o caso que Hobsbawm (1984, p. 13) mostra de “velhos costumes em condições novas ou velhos modelos para novos fins”. Embora, quando os evangélicos são surpreendidos por uma ala do cristianismo mais radical – o pentecostalismo – tende a ser mais traumático essas mudanças. Porque, segundo Brandão (1988, p. 35), “se o protestante histórico possui o saber do culto, ele perdeu no imaginário do pentecostal, o poder da fé”, e Brandão (1988, p. 48) ainda diz mais:

apenas os salvos podem ser crentes, e haver sido salvo pela crença evangélica significa modificar não apenas um receituário de crenças e algumas atitudes de culto, mas toda uma identidade da pessoa. O sujeito crente é a sujeição à identidade da crença.

flamenguistas, se ele vibrasse e demonstrasse qualquer esboço em torcer por seu time, ameaçávamos em contar para o seu pai que ele esteve assistindo televisão em nossa casa”.

Em todas as alterações das tradições inventadas Hobsbawm (1984, p. 14) dirá que “a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais...” fazem com que o progresso seja mais bem absorvido do que romper bruscamente com o antigo. O simbolismo torna-se algo valiosíssimo para a transformação dessas tradições. Pois as igrejas criaram instituições onde se utilizam todas as formas simbólicas para promover as alterações e modificações específicas nas vidas das pessoas.

Com o desenvolvimento que Anápolis vai tendo, muitas pessoas mudam-se para a região e as igrejas entram em disputa por fiéis. Segundo Brandão (1988) a liberdade religiosa caracterizou uma disputa, que ele chamou de mercado confessional, marcada especialmente na Inglaterra e Estados Unidos. Weber (1982) dirá também que as ofertas materiais e espirituais comporão essa disputa por fiéis entre as igrejas.

Segundo Weber (1982) o mercado confessional ocorre pela facilidade que algumas igrejas deram aos seus fiéis, no que tange à conduta sob vários aspectos que a vida lhes proporcionava, divórcio, novo casamento, etc., onde que outras igrejas, católica e luterana, mas essa última não é o caso de Anápolis, eram mais rígidas e proporcionando que seus adeptos mudassem para essas menos radicais.

Esse proselitismo imperou no seio dos evangélicos onde uma disputa por fiéis, principalmente se o fiel possui uma condição social privilegiada, passou a predominar um outro tipo de identidade, rompendo com muitos princípios ou tradições cristãs para que esses se agregassem à igreja.

Outra forma de disputa por fiéis nos Estados Unidos é o que será, segundo Weber (1982, p. 352), “através das ofertas materiais e espirituais...”, que as

congregações ofereciam. A busca por mais pessoas, nas igrejas evangélicas de Anápolis, está embasado na que mais oferecer, tanto material como espiritual. As inúmeras propagandas de convite para ir ao templo religioso oferecendo prosperidade material são incontáveis. Prosperidade nos bens materiais, prosperidade na saúde física e espiritual, prosperidade nos negócios, empregos, etc. varreram a cidade nas duas últimas décadas do século XX.

Como em todos os lugares por onde a Igreja Católica chegou primeiro se estabelecia como a religião oficializada pelo governo. Mondragón (1994) diz que no México a Igreja tenta desarticular a interferência dos protestantes na religião nacional através do uso da constituição alegando que os protestantes têm conhecimento dela e que não passa de incursões sociais e mercantis na nacionalidade mexicana que está entrelaçada com o catolicismo.

CAPÍTULO IV

SITUAÇÃO ATUAL DOS EVANGÉLICOS EM ANÁPOLIS

Neste capítulo abordaremos como os evangélicos de Anápolis chegaram a hegemonia que atualmente possuem na cidade com um vasto investimento nas áreas de saúde e educação. Cumprindo, assim, o que os líderes plantaram a meio século de divulgação do evangelho do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

A preponderância protestante é marcante em qualquer sociedade que se analise a estatística ocupacional, especialmente quando Weber (2000, p. 19) aponta “o fato de líderes do mundo dos negócios e proprietários do capital, assim como dos níveis mais altos da mão-de-obra qualificada, principalmente o pessoal técnico e comercialmente especializado das modernas empresas” detêm o poder econômico. Assim são os fiéis que estão sendo oprimidos pela situação de pobreza e miséria econômica.

Outro fator que marca a identidade religiosa em Anápolis é com respeito ao

comércio. Pelos dados apresentados, anteriormente, temos um perfil do comerciante evangélico mais letrados do que os outros seguimentos religiosos, cooperando para que a cidade tenha negócios somente apoiados pela religião, sem esquecer que os turcos, sírios e libaneses foram quem solavancaram o comércio anapolino da época em que a cidade caminhava rumo ao progresso e que são oriundos do catolicismo oriental, que não é a religião analisada por este trabalho.

Como predominante também, é o meio de comunicação. Uma das rádios com maior audiência é de propriedade evangélica e que por sinal está envolvida na política, Sra. Onaide Santilo – Deputada Estadual – membro da igreja metodista em Anápolis. O seu esposo já foi prefeito da cidade e secretários em alguns governos no passado – Sr. Adhemar Santilo.

O único meio de transporte coletivo de Anápolis (Transporte Coletivo de Anápolis - TCA) pertence a um pastor evangélico. No terminal rodoviário urbano funciona uma rádio informativa na qual todos os horários são dominados por programações evangélicas.

Assim podemos perceber que a cidade de Anápolis é a cidade com maior concentração de evangélicos no Estado de Goiás, não necessariamente com uma população demográfica de tamanho expressivo, mas ainda é a cidade de Goiás com maior concentração de evangélicos entre a população. Os últimos dados do censo da SERPES, especialmente em Goiás, nos apontam uma população com maior concentração entre os católicos com 60,50%, e uma menor percentagem para os protestantes tradicionais com 3,25%, enquanto que os evangélicos pentecostais apresentam uma percentagem de 25,25%, totalizando uma percentagem de 28,50% de evangélicos na cidade de Anápolis (dados da Pesquisa de Opinião e Mercado Ltda – Serpes – levantados em 2002 no período de 12 a 14

de agosto).

Estabelecida a transformação da identidade religiosa em Anápolis, os evangélicos, com mais de sessenta denominações na cidade constroem templos por toda parte. Segundo Bonome (2000) em 2000, há trezentos e quarenta e cinco templos evangélicos e trezentos e oitenta e dois pastores. Hoje, os números já são outros. Em pesquisa de campo que realizamos, percebemos que várias denominações agregaram as que já haviam, determinando um número de oitenta e uma denominações e ultrapassando os trezentos e setenta e cinco templos evangélicos. Em relação à religião da grande maioria da população, Bonome (2000) ainda no mesmo período diz que o catolicismo possui apenas treze paróquias e vinte e seis padres e os espíritas com apenas doze centros; os Mórmons com três “alas” e três “ramos” ou seis templos, enquanto que na pesquisa que realizamos constata-se que há quatorze paróquias católicas, vinte e um centros espíritas federados na Federação Espírita de Goiás em Goiânia e quatro “alas” e quatro “ramos” ou sete templos Mórmons.

Para uma melhor visão de como os evangélicos estão estabelecidos atualmente na cidade de Anápolis, apresentamos uma tabela de uma pesquisa realizada, tendo como fonte o Guia dos Evangélicos de Anápolis e pesquisa de campo, para comprovação dos dados das Igrejas e pastores de mais de oitenta denominações. Assim temos uma visão de como os evangélicos expandiram ao longo de oito décadas na cidade de Anápolis (anexo 3).

3.1. Ação Evangélica na Área da Educação

A organização de uma instituição de ensino para os alunos de cunho confessional protestantes foi inspiração de D. Alice Magalhães, que cedeu o espaço de sua residência para o início das atividades. Essa iniciativa transformou no que é o Colégio Couto Magalhães; com a inspiração do Dr. Carlos Pereira de Magalhães e James Fanstone e outros evangélicos, segundo Olímpio (2002) em 1932, a aula inaugural da primeira turma do colégio ocorreu na casa do Dr. Carlos Eduardo Magalhães, com o propósito de ensinar uma educação secular e religiosa contida nos princípios puritanos que os primeiros evangélicos chegaram à cidade. Hoje, século XXI, o Colégio Couto Magalhães continua com o mesmo propósito de sua organização, segundo Olímpio (2002, p. 38) “... vai percorrendo a senda benfazeja do conhecimento, dignificando o seu passado, sem jamais se desviar da trilha aberta por seus precursores”, formando o caráter dos alunos em bons cidadãos, tanto para a comunidade como para o reino de Deus.

As faculdades do complexo da Associação Educativa Evangélica têm crescido que hoje abrange um complexo educacional de imenso tamanho e que tende a crescer mais no futuro, influenciando vidas como fez no passado e vem realizando no presente. Em 1960, foi criada a primeira faculdade do complexo: Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão (FFBS), o nome desta faculdade é outro símbolo que os evangélicos utilizaram por causa de sua integridade como pessoa mesmo não professando a fé evangélica; em 1967, foi criada a Faculdade de Direito de Anápolis (FADA); em 1971, a Faculdade de Odontologia João Prudente (FOJOP), hoje Faculdade de Odontologia de Anápolis (FOA); em 1976, a Associação Educativa Evangélica se expandiu para fora do município de Anápolis,

cria a Faculdade do Vale do São Patrício (FAFISP), com os cursos de Letras e Pedagogia e no final do século mais duas faculdades: Ciências Contábeis e de Administração em Finanças e Gestão; em 1999, a Faculdade de Enfermagem e a Faculdade de Educação Física; em 2000, a Faculdade de Administração com gestão em Finanças e Hotelaria; em 2001, a Faculdade de Fisioterapia, caminhando para um sonho antigo do idealizador Arthur Wesley Archibald, como mostra a foto. Estão em andamento os processos de liberação para funcionamento das faculdades de Psicologia, Ciências da Religião (Teologia) e preparação para que o complexo seja reconhecido como Centro Universitário.

Outra instituição, de cunho educacional teológico, fundada nos instem da implantação do evangelho em Anápolis, é o Seminário Teológico Cristão do Brasil (SETECEB) formando líderes e pastores, não só para a denominação cristã evangélica como para outras denominações, onde seus fiéis não possuindo condições de se locomoverem para os centros onde sua denominação possui uma casa de profetas, ou por comodidade e respeito que o seminário proporciona.

O seminário possui hoje seminaristas da denominação cristã e vários alunos de outras denominações – batistas, presbiterianos, assembleianos. O SETECEB ministra os seguintes cursos: Pós-Graduação, com início no ano de 1996; Bacharel em Teologia para residente e não residente, com início desde a sua fundação; Bacharel em Educação Cristã para residente; Curso Teológico para nível Médio nas extensões: Goiânia-GO, São Luís dos Montes Belos - GO, Catalão - GO, São Paulo - SP, Imperatriz - MA; Belo Horizonte - MG. Cursos básicos para líderes e Mestrado; além de outros cursos que são oferecidos como o de Atualização para Educadores Cristãos e de Teatro Evangélico. Um complexo totalmente modernizado com uma biblioteca com mais de seis mil volumes,

segundo o Diretor Pr. João Batista Cavalcante é a maior que possui no Brasil e talvez da América Latina, que serve não apenas aos acadêmicos, mas a pastores e leigos de várias denominações que têm usufruído suas dependências e de elevados conteúdos contidos em seus livros, revistas e periódicos.

O SETECEB tem como filosofia a educação cristã para um desenvolvimento do evangelho de Jesus Cristo que os alunos irão transmitir ao serem formados pela Palavra de Deus – Bíblia. Formando assim, homens e mulheres com caráter digno de honrar o seu mestre – Jesus Cristo – e também com senso crítico, que tolere diferenças de opinião na busca de um consenso, sabendo distinguir com precisão as posturas éticas e doutrinárias da Bíblia. Por isso não se limita a aceitar candidatos de outras denominações e nem veda a contribuição que mestres, doutores e até mesmo bacharéis na formação do acadêmico.

O discente é burilado para formar outros discípulos, a fim de realizarem a missão Jesus Cristo sob três fundamentos: os modelos são pré-requisitos, e estão embasados nos ensino do Apóstolo Paulo “... exorto-vos, portanto: sede meus imitadores” (I Co 4, 16). O intercâmbio de idéias e atitudes entre os modelos e os discípulos são importantes que Jesus deixara a todos que seguissem “... orar a sós...(Mt 14, 24) e ensino “... Jesus caminhava e os discípulos se aproximaram dele para mostrar-lhes (ensinar) as construções do Templo,...(Mt 24, 1); e por último, a aprendizagem processa-se no cotidiano do ministério “... e constituiu Doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar, e terem autoridade para expulsar os demônios” (Mc 3, 14); ou em outro texto, “quando Jesus acabou de dar instruções a seus doze discípulos, partiu dali para ensinar e pregar nas cidades

deles” (Mt 11, 1); e Paulo testemunhando como era fiel a Jesus queria que os que ele ensinava também os fossem,

... vós bem sabeis como procedi para convosco todo o tempo, desde o primeiro dia em que cheguei a Ásia. Eu servir ao Senhor com toda a humildade, com lágrimas, e no meio das provações que me sobrevieram pelas ciladas dos judeus. E nada do que vos pudesse ser útil eu negligenciei de anunciar-vos e ensinar-vos, em público e pelas casas... (At 20, 18-20).

Portanto, o acadêmico deve-se esforçar para estudar os conteúdos bíblicos transmitido ao longo de sua fase de aprendizagem, construindo uma teologia cristã fundamentada na Bíblia, onde sua vida pessoal e seu ministério na igreja estejam de comum acordo, a fim de possuir uma visão clara do mundo que o cerca, para um desenvolvimento de suas habilidades técnicas em serviço do Reino de Deus e da igreja.

O SETECEB no intuito de alcançar os seus objetivos almejados promove atividades acadêmicas em sala de aula e extras salas para que os acadêmicos atinjam com maior rapidez o objetivo proposto, como por exemplo: as ministrações das aulas, seminários, cursos, palestras, cultos com toda comunidade acadêmica e também com a comunidade anapolina, retiros, lazer, proporcionando comunhão, companheirismo e integração.

3.2. Ação Evangélica na Área da Saúde

O Hospital Evangélico Goiano (HEG) foi o centro de referência para o Brasil no terceiro e quarto quartel do século XX, atraindo muitas pessoas de

alhures do Brasil. O Hospital que começou com uma modesta casa de residência atendendo os que careciam de saúde, hoje abrange um complexo que ainda é referência ao norte do país, por seus investimentos em todos os sentidos da medicina, para não se defasar e tornar-se obsoleto, principalmente no mundo competitivo em que vivemos. Sua instalação abrange uma área de 10.000 mt² e um equipamento de última geração na área da medicina. Mesmo com vários hospitais na cidade, nenhum deles faz frente ao que o hospital oferece aos seus pacientes. Ainda é o referencial dos anapolinos e aos moradores do norte e de outros estados brasileiros.

3.3. Ação das Igrejas Protestantes Históricas em Anápolis

A Igreja Cristã permanece dando assistência a instituição Instituto Cristão Evangélico de Goiás (ICEG), criada em Goiânia pelo Reverendo Antônio Augusto Varizo Júnior e transferido para Anápolis em 1957, quanto da chegada dos missionários evangélicos na cidade de Anápolis e também ao SETECEB. O Instituto Evangélico Cristão (orfanato), possui um patrimônio, que é bem extenso, doado pela missão UESA que o Reverendo Arthur Wesley Archibald conseguiu.



Com uma assistência integral em todas as áreas, boa alimentação, roupas, calçados, escola, atividades ocupacionais, profissionalizantes, amparo emocional, espiritual, o Instituto Cristão Evangélico de Goiás abriga, ampara, instrui civilmente, moralmente as cento e trinta e duas crianças e adolescente de zero a dezoito anos de idade de ambos sexos, sendo órfãos, abandonados, carentes ou vítima de maus tratos, violência e exploração que são encaminhadas através do Conselho Tutelar, Juizado da Infância e Juventude ou Promotoria da Infância e Juventude. O trabalho que esta instituição realiza é a de assistência à saúde, alimentação, moradia, educação e formação para a vida. O interno deixa a casa após completar sua maioridade com o apoio para que não fique a mercê da vida.

A primeira igreja evangélica que solavancou o evangelho em Anápolis – Presbiteriana Independente – possui um trabalho de assistência a pessoas carentes numa espécie de orfanato livre, ou seja, as crianças são auxiliadas sem que necessariamente estejam em um local específico, mas que todos os dias elas comem e são evangelizadas por suas ações sociais.

Os batistas com mais de sessenta anos na cidade não investiram nem na área da educação e nem na saúde como denominação organizada, mas que alguns líderes têm servido ao seu Deus com suas profissões e seus estabelecimentos, especificamente na educação e saúde, sem mencionar que vários são comerciantes e têm dignificado o seu Deus em seus negócios.

Somente a Primeira Igreja Batista em Anápolis é que possui uma Escola de Música que funciona a disposição dos vocacionados e daqueles que querem aprender nessa área, tanto para servir a Deus em suas igrejas como para seu prazer. Àqueles que não possui condições de arcar com as mensalidades, a escola possui um convênio com a igreja que após verificação das condições dos que solicitam, concede meia bolsa ao aluno para que não fique sem a instrução, especialmente se for para servir a Deus em sua igreja.

Os presbiterianos do Brasil sustentam como igrejas, os ministérios que possuem independentemente da influência das demais e do Presbitério. A igreja Presbiteriana Central mantém uma instituição de assistência aos necessitados (albergues). A igreja Presbiteriana Vale do Hermon empresta as suas dependências para funcionamento da escola de Ensino Fundamental – primeira fase – Dayse Fanstone cuja mantenedora – Bom Samaritano – é de princípios presbiteriano. Contém trezentos e trinta e um alunos e mantém convênio com a Secretaria de Educação do Estado de Goiás. Por esse convênio a escola requer dos pais uma contribuição simbólica de Dez Reais, para auxiliar nas despesas de água, energia, material de limpeza, etc.



Igreja Presbiteriana Pioneira – foto do arquivo da Igreja e cedida pela secretaria

A Igreja Presbiteriana Pioneira, foto acima, mantém o trabalho empreendido por seu idealizador – Dr. James Fanstone – uma clínica de assistência na área da saúde, odontologia e uma creche de amparo aos filhos de pais em que ambos precisam trabalhar para o sustento do lar, ou de mães que são separadas, ou mães solteiras, e que têm que sustentar sua casa através do trabalho e não têm com quem deixar seus filhos. Hoje a creche atende um número de vinte crianças com um subsídio da própria igreja sem onerar as famílias carentes.

A igreja Metodista assiste na área da ação social as famílias que estão mais próximas do corpo confessional da igreja com cestas básicas mensais. Encaminhamento dos enfermos aos órgãos capacitados para tratamento e cooperando financeiramente para que o aviamento da receita médica seja adquirido bem como os medicamentos necessários para tratamento da saúde.

3.4. Ação Social Desenvolvida nos Últimos Anos Pelos Evangélicos

A presença evangélica não está apenas nas relações com os templos. As instituições de assistências sociais, que as religiões criaram no século XX, há também um predomínio evangélico em Anápolis. Quase todas as denominações têm um trabalho instituído de assistência social. Mas todas as igrejas, evangélicas ou não, cooperam de uma forma ou de outra, para que as pessoas carentes sejam assistidas.

Essas instituições de assistência social cresceram em largas proporções com os pentecostais. As igrejas históricas não possuem nenhum centro de tratamento às pessoas necessitadas de ajuda de libertação dos vícios das drogas. Essas igrejas históricas trabalharam mais na área da educação, onde muitos colégios funcionam nas dependências dos templos. Quer com escolas, creches, orfanatos e cursos que se denominam de multi-ministérios (corte e costura, bordado, datilografia, etc.) e na área da saúde, onde vários hospitais são de propriedade de evangélicos e muitos médicos evangélicos pertencem ao quadro clínico dos inúmeros hospitais que a cidade de Anápolis possui.

Inúmeras casas de recuperação às pessoas que enveredaram pelo mundo das drogas estão instaladas no município de Anápolis e que estão sendo dirigidas por um bom número de evangélicos que tiveram experiências no passado de dependência química.

No último relatório que a coordenação do Instituto Cristão Evangélico de Goiás (ICEG) forneceu à mantenedora, Igreja Cristã do Brasil, datado de setembro de 2002, mostra o que a ação social desta instituição tem promovido na vida de

peças que não têm nenhuma esperança se não fosse o amparo de peças que se preocupam com o bem estar dos seres humanos.

Duzentas peças são atendidas, na faixa etária de zero a dezoito anos de idade, oriundos de vários lugares para receberem assistência médica, dentária, alimentar, social, cultural, psicológica, sentimental, educacional e religiosa; onde convênios são mantidos, especialmente com as Faculdades de Pedagogia, Letras, Matemática, Educação Física, Odontologia. Para as atividades sócio-culturais o convênio vem com a secretaria do município de Anápolis através da Escola de Música.

O Instituto Cristão de Goiás, através de uma creche, além de abrigar crianças de ruas e órfãos, possui um serviço de assistência às mães que não têm condições de deixar seus filhos sozinhos em casa, ou com alguém que pudesse ter todo cuidado com seus filhos, enquanto trabalha para sustentá-las. O apoio sócio educativo em meio aberto é outro serviço que o Instituto oferece à comunidade as crianças de sete a quatorze anos de idade.

Segundo Olímpio (2002), a Associação Educativa Evangélica não age apenas na área da formação educacional profissional, como vimos anteriormente com o convênio com o Instituto Cristão de Goiás, sem nenhum ônus para o orfanato, mas atua com campanhas que denominam de Educação em Ação em cidades como Ceres, Luiz Alves e Anápolis, em áreas como: saúde, jurídica, pedagógica, lazer e assistência espiritual com atendimento de mais de três mil peças/dia.

Mantêm-se diariamente abertas às portas para a comunidade carente de Anápolis na assistência gratuita a saúde bucal e jurídica com seus laboratórios prontos para suprir as necessidades da população anapolina.

Segundo Olímpio (2002) a Associação Educativa Evangélica participou em dois Estados brasileiros – Tocantins e Mato Grosso do Sul, por meio da Igreja Metodista, com assistência evangelizadora denominada “Uma Semana para Jesus”, onde as ações sociais fizeram parte desses projetos, trazendo grandes frutos para as cidades que hospedaram o projeto.

O serviço de capelania da Associação Educativa Evangélica abrange desde o Couto Júnior até as Faculdades. Pessoas gabaritadas e preparadas para trabalhar dentro da faixa etária estão desenvolvendo com desenvoltura o papel que o evangelho tem proporcionado às suas vidas nas igrejas protestantes que fazem parte.

O projeto Anti Drogas que incorporou a capelania desde 2000 vem alertando os jovens que o tabagismo, o álcool e as drogas são extremamente nocivos à saúde. Campanhas, palestras e caminhadas têm-se realizado dentro da instituição e na comunidade anapolina a fim de alertar pais e filhos do grande mal que a sociedade convive e que alertam para uma envergadura maior no sentido de desprender de males prejudiciais à saúde física e espiritual.

As instituições de assistência às pessoas que enveredaram pelo mundo das drogas proliferaram em Anápolis. Queremos nessa última parte desse trabalho apresentar como uma dessas casas trata os seus internos. A instituição escolhida foi a casa de recuperação Aldeia da Paz, porque em nossa igreja um membro teve seu filho interno por nove meses e tivemos acompanhando de perto sua recuperação e hoje é um servo do senhor Jesus Cristo.

Segundo Berger (1985, p. 15) “toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo, a religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento”.

3.5. Um Exemplo Contemporâneo da Ação Evangélica

Compreendemos como formação de um novo mundo o que é edificado sobre algo novo ou que tem sido destruído em um aspecto melhor. Isso é o que a casa de recuperação Aldeia da Paz desenvolve na recuperação de pessoas viciadas em diversos tipos de drogas e que estavam inseridas em uma outra sociedade - a marginalizada - vivendo em um mundo que pertence aos que se assemelham e discriminados pela sociedade de onde um dia pertenceram. A inserção dessas pessoas para a casa de recuperação Aldeia da Paz faz-se pelo uso da religião cristã, mais especificamente do seguimento pentecostal. Até porque, segundo Battista Mondin (1986, p. 26) "... a religião não é um componente qualquer da cultura, e sim sua própria alma, seu substrato fundamental. Logo, toda cultura é essencialmente religiosa, ... ". Segundo Geertz (1989, p. 110) "as atividades religiosas (...) induzem duas espécies de disposições: ânimo e motivação". A todo instante os internos são motivados a permanecerem firmes no propósito que os levaram ali, segundo Geertz (1989, p. 111) "os motivos não são, portanto, nem atos (isto é, comportamentos intencionais), nem sentimentos, mas inclinações para executar determinados tipos de atos ou ter determinados tipos de sentimentos".

Tomaremos de Peter L. Berger os conceitos e explicações na construção de mundo. segundo Berger (1985) a dialética de homem e sociedade é mútua, onde a sociedade é produto do homem e o homem é produto da sociedade. Assim sendo, as pessoas que ingressam na casa de recuperação Aldeia da Paz terão influência dessa sociedade para sua reinserção à sociedade tradicional.

Quanto da chegada das pessoas à casa de recuperação Aldeia da Paz são lhes exigidas o cumprimento de todas as normas e se o indivíduo está disposto a cumprir com todas elas, para que antes seja iniciado o tratamento, deverá declarar que é de livre e espontânea vontade a sua internação à instituição.

A primeira influência religiosa cristã efetuada pela casa de recuperação é que todos deverão ter uma Bíblia, e se o candidato não possuir, a família deverá depositar na instituição a quantia necessária para que a casa de recuperação adquira no mercado, a fim do interno já acompanhar o primeiro estudo com a sua própria Bíblia, que será o instrumento que mais se utilizará no período em que estiver recuperando-se.

Ao ingressar na casa de recuperação Aldeia da Paz passará por um processo onde a sua vida será preparada para que seja capaz de formar um novo mundo e reintegrar-se à sociedade tradicional. Ele por si só é incapaz de modificar sua estrutura dentro desta sociedade, já que ela o marginalizou. O caminho mais rápido para que isto aconteça será através da religião. O que será possível na perspectiva humana, pois segundo Berger (1985) somente o ser humano constrói seu mundo, enquanto que o mundo animal já nasce praticamente pronto, questão apenas de um ano para que tudo se torne adulto. Segundo Berger (1985, p. 18), "o mundo do homem é imperfeitamente programado pela sua própria constituição. É um mundo aberto, ou seja, um mundo que deve ser modelado pela própria atividade do homem... o homem precisa fazer um mundo para si". Assim como Parker (1995) aborda que dentro da sociedade capitalista aprisiona e discrimina os que são explorados economicamente, onde exploradores vão buscar na religião a satisfação de suas necessidades básicas. Por outro lado os líderes da casa de

recuperação Aldeia da Paz crêem que a religião cristã proporcionará ao viciado uma satisfação básica que é a de reintegrar à sociedade tradicional.

É pensando nessa reinserção que várias pessoas começam a construir seu caminho de volta à sociedade de onde um dia ajudou a construir e a marginalizar por determinadas atitudes. Mesmo sendo arredo com o tratamento que a casa de recuperação Aldeia da Paz faz através do uso da religião cristã, onde muitos não fazem ou não fizeram parte de uma religião que o tornasse praticante numa devoção diária e principalmente porque é tida como a de "crente" ¹⁶ acabam permanecendo e se convertendo ao perceberem que necessitam daquilo que estão lhes ensinando e compreendem que a sua conversão fará com que seu objetivo de integresse à sociedade tradicional será mais rápida e passiva.

Partindo dessa visão assimilada, segundo Berger (1985) o interno não só produzirá um mundo como também produzirá a si mesmo no mundo, o que dará a ele uma estabilidade de vida que não possuía quando estava no mundo das drogas, em que se encontrava numa sociedade marginalizada. Esta estabilidade é fruto de especialização oriunda de ensinamentos massificados que a casa de recuperação faz no dia a dia dentro da instituição, produzindo uma cultura religiosa que outrora não possuíam. Tanto é que suas estruturas são modificadas fisicamente. Iniciando por uma linguagem própria dos grupos evangélicos pentecostais e neopentecostais. Esta linguagem não é a que os sociólogos¹⁷ abordam quando analisam as culturas, usando esse fator como algo extremamente importante. Segundo Berger (1985 p. 19).

¹⁶ A palavra é introduzida em sentido pejorativo que foi atribuído a todos aqueles que não faziam parte da Igreja Oficial - Católica.

¹⁷ O uso da linguagem é à busca de compreensão das sociedades. "busca-se, pois, elaborar quadros conceituais heurísticos, abertos ao enriquecimento que possa levar a praxi social ao conhecimento heurístico. Porém, sobretudo, abertos às novas questões que provém de uma realidade social-cultural que, como a popular, transcorre por categorias de linguagem e de

O homem produz instrumentos de toda espécie imaginável, e por meio deles modifica o seu ambiente físico e verga a natureza à sua vontade. O homem produz também a linguagem e, sobre esse fundamento e por meio dele, um imponente edifício de símbolos que permeiam todos os aspectos de sua vida.

É gritante a modificação concernente a linguagem dos internos. As gírias praticadas no mundo de onde vieram quase não se ouvem, a não ser nos novatos, e assim mesmo são disciplinados para não mais emitir tais palavras, porque não agrada a Deus.¹⁸ Este tipo de comportamento linguajar, para a sociedade tradicional, é uma mudança significativa que mesmo com algumas desconfianças por parte de alguns, especialmente do mundo evangélico, aceitarão por fazerem parte da sua "família espiritual".¹⁹

Os indivíduos que ingressam na casa de recuperação Aldeia da Paz, muitos já tiveram passagem pela polícia e em alguns casos já foram detidos em presídios que a sociedade tradicional construiu para tentar recuperar aqueles que não conseguissem adequar ao modo de vida estabelecida.

Segundo Berger (1985) o viver em coletividade faz do homem um ser humano, quando é afastado do convívio de outros seres humanos - são marginalizados por seus atos - perde sua humanidade. Quando a sociedade tradicional age marginalizando o seu semelhante, os marginalizados formarão outra sociedade, outro mundo, que estará sempre incomodando a sociedade tradicional.

pensamento que, às vezes, estão bastante alienadas na linguagem, da prática e do mundo acadêmico e intelectual dos "cientistas sociais", ..." Cristián Parker: 1995. p 44.

¹⁸ "Não saia dos vossos lábios nenhuma palavra inconveniente,..." Efésios 4:29.

¹⁹ família espiritual é considerada na religião como aqueles que falam a mesma linguagem e crêem em um mesmo Deus ou deuses.

Esta sociedade tradicional consentirá na criação de outro mundo, outra sociedade, que são as casas de recuperação, para resgatar ou aniquilar a sociedade ou o mundo que a torna como ameaça. Por isso que a casa de recuperação Aldeia da Paz se utiliza a religião cristã para alcançar com maior sucesso o seu objetivo, e é claro que tem alcançado.

O trabalho de inserção dessas pessoas marginalizadas ocorre justamente entre a casa de recuperação, os internos e a sociedade tradicional. Mas é com esforço muito mais dos dois primeiros, segundo Berger (1985, p. 20), pois estarão "fabricando instrumentos, inventando línguas, aderindo valores" que praticamente farão separados, ficando a sociedade tradicional apenas esperando pelos recuperados. Segundo Malinowski (1984, p. 43) "a religião ajuda as pessoas a suportarem" situações de pressão emocional "abrindo fugas a tais situações e tais impasses que nenhum outro caminho empírico abriria, exceto através do ritual e da crença no domínio do sobrenatural", e que segundo Berger (1985, p. 20) "a sociedade estrutura, distribui e coordena as atividades de construção do mundo desenvolvido pelos homens". É só fazermos um levantamento de atividades isoladas que grupos vêm fazendo ao longo do tempo para comprovarmos sobre essas construções de mundo em que a influência religiosa torna bem marcante. O que Geertz (1995, p. 128) analisará que "é no ritual (...) que se origina, de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verídicas e de que as diretivas religiosas são corretas".

Portanto, Geertz (1995) dirá que a sociedade acaba sendo um produto da atividade humana devido ao fato de ser inerente a natureza humana, onde Berger (1985) chama de exteriorização do homem, e onde percebemos quando analisamos as atividades produzidas pela casa de recuperação Aldeia da

Paz é que ela se utiliza a religião para influenciar vidas para serem reintegradas à sociedade tradicional.

A interlocução rompida pelo afastamento do par congênito na perspectiva de dar sustentação a objetividade real da sociedade, a religião atua como fator de interligação estruturando ou reestruturando a vida do ser humano no convívio da sociedade. Esta instituição - religião - criada pelo próprio homem,²⁰ aqui falo como outra qualquer sem entrar na mesma questão da existência divina, é a instituição mais forte que a sociedade criou para que o indivíduo seja restabelecido em seu seio – sociedade tradicional – executando suas funções reais dentro das instituições através da objetividade, adotando os papéis como seus vigentes na sociedade, isso é a que Berger chama de interiorização.

Esse processo que o recuperando fará na sociedade tradicional, passará por todos os estágios que normalmente a sociedade preestabeleceu: exteriorização, objetivação e interiorização. Assim sendo, a sociedade imporá no indivíduo algo mecanicista, mas que ele terá uma participação ativa no processo de dialético para que as instituições funcionem coesas, onde uma prolongada conversação se fará com os que estão sendo reintegrados à sociedade tradicional.

A casa de recuperação chamará esse processo de acs.²¹ Um longo diálogo para explicações de como funcionam as instituições são produzidas na vida dos

²⁰ Tomo aqui a interpretação do próprio Berger de que a sociedade é produto do homem assim como o homem é produto da sociedade. Bem como o conceito de Karl Marx, Max Weber, E. Durkheim, etc., no que tange a religião como criação do próprio ser humano. Isso provocou um enorme obstáculo para que vidas chegassem com fé a conversão em Jesus Cristo. O que não posso concordar com a interpretação desses sociólogos-filosóficos do passado, mas sim com outros como a de Kierkegaard, James, Schell, Bergsin, etc., onde a existência divina é pura realidade e não ficção, ou criação da imaginação da maior criatura de Deus - o homem. Ângela A. Bello ao transcrever a resposta do Papa João Paulo II à pergunta de Messori sobre a permissão de Deus na existência de tantas religiões, se Ele é um só, diz citando à Declaração Nostra Aetate do Concílio Vaticano II "... a religião cristã desde o início, dirigiu para história espiritual do homem um olhar em que entram de certo modo todas as religiões, mostrando a unidade do gênero humano no que diz respeito aos eternos e últimos destinos do homem". *Cultura e religiões*. p 172.

internos a ponto de quando assumirem os papéis na sociedade tradicional não decepcionarem, ou seja, segundo Berger (1985, p. 31) “o mundo social (...) não é passivamente absorvido pelo indivíduo, e sim apropriado ativamente por ele”. Mas o que Karl Barth não concorda com essa reintegração por ação humana e sim divina. Pois isso deve fazer do interno uma pessoa importante para a sociedade, porque ele participa da coesão contínua da sociedade. O que fará dele um “co-produtor” no mundo em que vive e não um destruidor como era o seu estado anterior, além do mais, produzindo a si mesmo. A imensa distância que existe entre o ser humano e o sagrado - no caso aqui Deus - o homem não destrói apenas a si mesmo, mas impede a ação do sagrado em sua vida. Segundo Mondin (1979-1980, p. 39) "Deus faz tudo, razão pela qual não há nem cooperação nem liberdade de ação na criatura".

Através de suas exigências ajuda a formar um mundo socialmente equilibrado e estruturado através de significações ou como denomina Berger (1985) “nomos”. Isso só será possível por meio da sociedade dos indivíduos, como já mencionamos no primeiro capítulo. Segundo Berger (1985, p. 33) “o mundo social constitui um nomos, tanto objetiva como subjetivamente. O nomos objetivo é dado no processo de objetivação como tal”. O meio pelo qual os internos interagem em uma linguagem religiosa, fazendo com que suas interlocuções passadas sejam excluídas e discriminadas para um novo vocabulário que a sociedade tradicional aceite, mesmo que seja diferente, é que conheçam como o sagrado aceita o vocábulo do ser humano. Esta linguagem religiosa quando é um ato nomizante compreendido por todos, atua como nomos totalizante, para tanto é introduzido no decurso da socialização dos internos.

²¹ Sigla que dão para o aconselhamento individual ou grupo, mas o individual é mais praticado especialmente quando o interno está apático, desanimado, ou arredio quanto a permanecer na

Os elementos discrepantes que os internos sabem, ou que aprenderam no passado, quando constituía uma sociedade anônima e excluída, marginalizada, segundo Berger (1985, p. 34), “são coordenados em termos do que eles sabem objetivamente sobre a sua própria condição e a dos outros”. Suas experiências são válidas não para serem aplicadas à sociedade onde serão reintegrados, mas para normatizar as vidas de outros seres humanos que estão caminhando para a exclusão da sociedade tradicional.²² Pois, segundo Berger (1985, p. 34), “a sociedade é a guardiã da ordem e do sentido não só objetivamente, mas suas estruturas institucionais, mas também subjetivamente, na sua estrutura da consciência individual”.

A anomia em que viviam, ou ainda estão vivendo enquanto se recuperam, são motivos suficientes para dar a outros uma condição de percepção de mundo diferente em que quem nunca passou às vezes não sabe como é, pois as segregações da sociedade tradicionais os expuseram a enfrentar o mundo sozinho, onde eram incapazes de vencer as barreiras existentes, principalmente os perigos de extinção iminentes. Poderemos entender que foi através da arqueologia fenomenológica que as evidências de compreensão do próprio ser humano se tornam notória que era, segundo Bello (1988, p. 179), a "tensão para a salvação e a resposta para essa tensão através do sagrado". E que Berger (1985) diz que o perigo da separação social fez com que provocasse o perigo da existência. A resposta para sair desses perigos foi uma busca no mundo dos vícios – álcool, maconha, cocaína, tabaco, etc. – quanto mais consumiam mais dependentes

instituição para que ocorra a sua libertação por completo.

²² Testemunho de um interno. “O que eu quero mais fazer quando voltar para minha vida normal é poder dizer para os meus colegas que eu sei o que eles estão fazendo que aquilo só destrói a vida deles e o único que pode ajudar é Jesus Cristo, foi o que eu aprendi aqui. Para aqueles que estão experimentando, como eu fiz quando comecei, é para não fazer porque vai acabar com ele. O melhor é trabalhar, estudar, viver a vida sem problemas, quem não tem problema? A mãe, o pai da gente é quem mais sofre quando agente faz essas coisas...”

ficavam e mais segregados da sociedade permaneciam. O que levou muitos a morte e os que procuram a casa de recuperação é para não chegarem ao mesmo estado que os demais. Segundo Berger (1985, p. 36) “assistir a morte de outros (...) e antevendo a própria morte, o indivíduo é fortemente impelido a por em questão os procedimentos cognitivos e normativos operantes ad hoc na sua vida” normal “na sociedade”.

O desgarramento desses indivíduos no passado dos programas socialmente definido e exigido pela sociedade tradicional é tido como caso de loucura. Segundo Berger (1985, p. 37) “subjetivamente e desvio sério provoca não só culpa moral mas, o terror da loucura”. Ao retornar, ou ao iniciar sua volta ao nomos o interno entende que a condição em que se encontrava era de extrema irracionalidade, idiotice por perceber que somente a sua vida seria destruída; a sociedade tradicional continuaria dentro de normas e instituições estabelecidas que seria, numa atitude de vícios, impossível de mudá-la. A mudança pode ser feita, mas leva tempo e ação de uma coletividade coesa em alterar as leis criadas.

A religião estabelece um elo poderosíssimo na integração desses desajustes na sociedade, pois o conceito de sagrado está introspectado no ser humano desde seu aparecimento no mundo e da influência que a sociedade lhe impôs. Na casa de recuperação Aldeia da Paz esse sentido de sagrado²³ é extremamente explorado tanto dos indivíduos, quanto dos objetos e lugares. Isso dá aos internos uma segurança de que conseguirão concluir os objetivos almejados ao ingressarem na casa de recuperação – libertar-se dos vícios – colocando suas vidas em ordem, dotando de significados.

²³ Tomo a definição de sagrado de Rudof Otto que “entende uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e todavia relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência. Essa qualidade pode ser atribuída a objetos naturais e artificiais, animais, ou a homens, ou às objetivações da cultura humana”.

Ao desobedecerem aos líderes ou as ordens estabelecidas, principalmente em relação às coisas da religião, caem em ofensa ao sagrado, ou melhor, profanam as coisas do sagrado. O que impede que o sagrado dê forças para vencerem as lutas contra os vícios, levando-os à ausência de caráter do sagrado. Para não caírem na secularização (conceito weberiano)²⁴ a casa de recuperação está alerta o tempo todo no procedimento de cada interno.

Sem a presença contínua do sagrado na vida dos internos poderá levá-los ao caos de onde vieram. Para que não sejam levados de volta utiliza-se de muitos textos bíblicos²⁵ para fortalecer em momentos de crises, evitando sua volta para a anomia. Um outro elemento muito forte para mantê-los sempre em sintonia com o sagrado já mencionamos anteriormente, é a linguagem, onde todos adquirem uma uniformidade desde a saudação – “paz do Senhor” – até o dialogar de coisas que não fazem parte do momento de tratamento (terapia ocupacional, lazer, descanso, etc.).

A religião cristã utilizada na casa de recuperação tem um desempenho bastante estratégico na construção dessas novas vidas para que criem novos mundos e reintegrem ao mundo de onde foram marginalizados. Segundo Berger (1985, p. 41) “a religião representa o ponto máximo da auto-exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade... a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo”.

²⁴ Para Weber a sociedade passa de uma sociedade pré-racional (pré-religião, pré-capitalista, onde predomina os deuses, natureza, emoções instintivas, carisma, tradicional) para uma sociedade racionalidade (capitalista, leis burocracia) ou secularização (ciência). Quando isso acontece há uma perda do encantamento - uma sociedade racionalizada ou secularizada é uma sociedade sem encantamento. Para Weber há um ethos comum entre o campo político econômico do religioso. Max Weber. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982. pp 309-412.

²⁵ “Tudo posso naquele que mim fortalece.” (Filipenses 4:13); “Tudo é permitido, mas nem tudo convém, tudo é permitido, mas nem tudo edifica.” (Icoríntios 10:23); “... E eis que eu estou convosco

todos os dias, até a consumação dos séculos!" (Mateus 28:20b); "... Quem crê em mim, ainda que morra, viverá." (João 11:25b). etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que cidade é esta que causa tamanho impacto na vida das pessoas? Como já mostramos na introdução os dados do IBGE do censo de 1990, resta-nos concluir apresentando os dados atuais.

Não foi possível constatar os dados religiosos de Anápolis, através do IBGE no censo de 2000, porque a pesquisa foi realizada apenas ao nível de estados e não fez detalhadamente os levantamentos dos municípios brasileiros. Mas a Pesquisas de Opinião e Mercado Ltda (SERPES) realizou uma pesquisa neste ano na cidade de Anápolis e mostrou, no período de 12 a 14 de agosto de 2002, que Anápolis é a cidade mais evangélica do Estado de Goiás com 28,50%, sendo que 25,25% fazem parte das Igrejas Evangélica Pentecostal, e apenas 3,25% pertencem aos Protestantes Tradicionais, Igrejas Históricas – Presbiteriano, Batista, Metodista e Cristã Evangélica.

Dizer que Anápolis é a cidade mais evangélica do Brasil é, às vezes, desconhecer alguns princípios de análises e o censo demográfico de outros lugares, como é o caso de Palestina de Goiás que estatisticamente é mais

evangélica de que Anápolis em termo demográfico, mais de 70% da população de 3,3 mil habitantes professam a fé evangélica.

Algumas diferenças fazem-se marcantes entre as duas cidades. Palestina de Goiás nasceu protestante, Anápolis nasceu católica e transformou-se em influência evangélica; Palestina de Goiás emancipou-se politicamente em 1988, enquanto Anápolis em 1907, e na década de 80 do século passado é que se divulgou entre a população que Anápolis era a cidade mais evangélica do país; ou seja, Palestina de Goiás ainda não era cidade emancipada, enquanto que Anápolis já havia criado tradições religiosas no passado.

A formação da identidade evangélica teve em muito o trabalho que os líderes carismáticos, que vieram como missionários, numa epopéia evangelizadora, desenvolveram nas primeiras décadas após suas chegadas.

Buscaram construir um ethos na vida daqueles que alcançavam com a pregação do evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, através do exemplo demonstrado na suas vidas diárias.

Buscaram na Bíblia a solidificação desse ethos na vida dos novos conversos, por meio da sistematização do estudo da Palavra de Deus aos domingos no templo e acima de tudo cada fiel precisava possuir a sua própria Bíblia, para que estivesse estudando todos os dias, o que não era comum na religião opositora.

A conduta que os líderes carismáticos evangélicos tiveram, de características puritanas e seus procedimentos no cotidiano, especialmente em uma vida mundana e espiritual não dissociavam, segundo Parker (1996) integravam-se tudo com a finalidade de dignificar e honrar ao seu Deus, numa perspectiva de santidade ao Senhor.

Para realizar essa vida de santidade e dignificação ao sagrado criaram instituições de ensino e saúde para assistir as pessoas, comum aos puritanos. Não esperavam que outros pudessem fazer por eles, mas agiam em função de agradar a sua divindade, pois segundo Elliot (1988) isso era o compromisso que possuíam com a comunidade, em uma associação do espiritual e social.

Em uma hermenêutica bíblica, as suas vidas deveriam estar afastadas de qualquer coisa que estivesse ligada ao que era profano. A bebida, o tabaco, e festas regadas de danças, eram motivo de exclusão de qualquer membro que desejasse participar da comunidade evangélica em Anápolis no início da implantação do evangelho, assim como hoje, em algumas igrejas, temos o afastamento do fiel que praticar tais atos.

O ascetismo fora ensinado desde cedo pelos missionários evangélicos, com suas vidas zelosas, caracterizadas como profetas que conduzia a fé do crente a uma vida mais ascética. Segundo testemunho do ex-governador e ex-Ministro de Estado e Justiça, Íris Resende Machado, sobre as comemorações dos 70 anos do Hospital Evangélico Goiano, “essa obra grandiosa, honra à peregrina memória do inesquecível Reverendo Dr. James Fanstone que, obediente ao imperativo de sua vocação, plantou nestas terras, com a mensagem do Evangelho, a vivência do amor”.

Apesar da grande maioria dos evangélicos de Anápolis serem pertencentes ao seguimento pentecostal, como mostrou o censo da SERPES, a construção da identidade evangélica foi erguida pelos protestantes – igrejas históricas – que chegaram primeiro criando novas tradições religiosas em Anápolis.

A criação de novas tradições ocorre com maior tendência quando o progresso assolava a vida da igreja, proporcionando transformações rápidas da

comunidade acostumada com os padrões antigos, segundo Hobsbawm (1984, p. 12) “... produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis...”; o que se percebe quando os evangélicos pentecostais, após 30 anos de implantação de suas igrejas na cidade, inventam uma tradição.

O que faz realmente a diferença em Anápolis é a grande quantidade de templos evangélicos distribuídos pela cidade e também a assistência a esses templos pelos pastores de cada denominação. Com mais de trezentos e cinquenta templos e quatrocentos pastores causam impressão a qualquer um que venha a ter conhecimento desses dados. Esse número de templos chega a ser bastante desproporcional aos das denominações opositoras à fé evangélica, pois a Igreja Católica possui quatorze templos; os espíritas, vinte um centros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

BASTOS JÚNIOR, José da Cunha. *Lineamento da história dos batistas no Estado de Goiás*. Anápolis: S/E, 1988.

BELLO, Ângela A. *Culturas e religiões*. Bauru - SP: Edusc, 1998.

BENDIX, Reinhard. *Max Weber, um perfil intelectual*. Trad. De Elizabeth Hanna e José Viegas Filho. Brasília: UnB, 1986.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado*. São Paulo: Paulus, 1985.

BERCOVITCH, Sacvan. A retórica como autoridade: puritanismo, a Bíblia e o mito da América. In: FERNANDES, Rubem César et alii. *Brasil e EUA: religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 141-158.

Bíblia de Jerusalém (A). São Paulo: Paulinas, 1973.

BLOOM, Harold. *La religión en los Estados Unidos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

BOFF, Leonardo. Catolicismo popular: o que é Catolicismo? Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, fascículo 141, p. 19-52, mar. 1976.

BONOME, José Roberto. *Religião: construção e interpretação de mundos*. Anápolis: AEE, 2000.

BORGES, Humberto Crispim. *História de Anápolis*. S/L: Cerne, 1975.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ser católico: dimensões brasileiras um estudo sobre a atribuição através da religião. In: FERNANDES, Rubem César et alii. *Brasil e EUA: religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 27-58.

CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da evangelização do Brasil: dos Jesuítas aos neopentecostais*. Viçosas-RJ: Ultimato, 2000.

CONDE, Emílio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. Belém: CPAD, 2000.

DOMINGUES, José Maurício. A cidade: racionalização e liberdade em Max Weber. In: SOUZA, Jessé (org.) *A atualidade de Max Weber*. Brasília: Universidade de Brasília, 2000, p. 209-233.

DREHER, Martin N. The history of the evangelical church of the lutheran confession in Brazil. In: BRAKEMEIER, Gottfried. *Lutherans in Brazil 1990*. EST e Sinodal: São Leopoldo, 1989, p.28-38.

ELLIOT, Emory. Religião, identidade e expressão na cultura americana: motivo e significado. In: SACHS, Viola et alii. *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*. Trad. Sergio Lamarão. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 113-139.

ÉMILE-GUILLAUME, Léonard. *O protestantismo brasileiro*. Rio de Janeiro e São Paulo: Juerp e Aste, 1981.

FANSTONE, James. *Missionary adventure in Brazil*. Sussex-England: Errey's Printers, 1972.

FERREIRA SOBRINHO, Olímpio. *Associação Educativa Evangélica: 50 anos fazendo gerações*. Anápolis-Go: AEE, 1999.

_____. *Sob as luzes do milênio*. Anápolis-Go: AEE, 2002.

GALILEA, S. Ensayo de identificación del catolicismo popular latino-americano. In: *Pastoral e lenguaje*. Bogotá, 1973, p. 70-95.

HIGUET, Etienne. O misticismo na experiência católica. *Ciências da Religião* 2, São Paulo, p. 21-62, 1984.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.) *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MACINTYRE, Archie. *Descendo o Rio Araguaia*. Trad. Thomas Ewing Macintyre. Contagem-MG: AME, 2000.

MALINOWSKI, B. *Magia, ciência e religião*. Lisboa: Edições 70, 1984.

MARTINS, Mário Ribeiro. *Letras anapolinas*. Anápolis-Go: Academia Anapolina de Filosofia, Ciências e Letras, 1984.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES Filho, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

MONDIN, Battista. *Antropologia teológica*. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. *Os grandes teólogos do século vinte*. Vol. 2. São Paulo: Paulinas, 1979-1980.

MONDRAGÓN,

ODE'A, Thomaz F. *Sociologia da religião*. São Paulo: Pioneira, 1969.

PACKER, J.I. *Entre os gigantes de Deus*. São José dos Campos-SP: Fiel, 1996.

PALACÍN, Luíz. *Fundação de Goiânia e desenvolvimento de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1976.

PALACÍN, Luíz e MORAIS, Maria Augusta de Sant'anna. *História de Goiás*. Goiânia: UCG, 1994.

PARKER, Cristián. *Religião popular e modernização capitalista*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

POLONIAL, Juscelino. *Anápolis nos tempos da ferrovia*. Anápolis - GO: AEE, 1995.
_____. *Ensaio sobre a história de Anápolis*. Anápolis - Go: AEE, 2000.

REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1993.

ROLIM, Francisco Cartaxo. Condicionamentos sociais do catolicismo popular. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, fascículo 141, p. 142-170, mar. 1976.
_____. *Dicotomias religiosas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

RUDOLF, Otto. *O sagrado*. São Bernardo do Campo - SP: Imprensa Metodista, 1985.

SARAGOZZA,

SAUER, Sérgio. *The land issue as a theological problem: the Roman Catholic and Lutheran Churches' social and political commitment to the struggle for land in Brazil*. Tese (Mestrado em Teologia Filosófica) – School of Mission and Theology, Stavanger, 1996.

SOUZA, Jessé de (Organizador). *O malandro e o protestante*. Brasília: UNB, 1999.

WACH, Joachim. *Sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1990.

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

_____. *Economia e sociedade*. Vol. 1. Brasília: UNB, 1991.

_____. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 2000.

WEGNER, Robert. Os Estados Unidos e a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: SOUZA, Jessé. *O maladro e o protestante*. Brasília: UnB, 1999, p. 237-256.

WILDING, Rettie. *Semeando em lágrimas*. Goiânia: Aplic, 1979.

ANEXO 1

Carta do projeto da criação da nova Capital Federal que Juscelino Kubitschek envia ao Congresso Nacional estando em Anápolis, segundo depoimento dos mais idosos.

Senhores Membros do Conselho Nacional

Tenho a honra de submeter à consideração do Congresso Nacional o projeto de lei que dispõe sobre medidas preliminares julgadas necessárias pelo Governo para o cumprimento do disposto no artigo 4º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, relativamente à interiorização e mudança da Capital Federal.

A idéia da transferência da Capital se constitui num dos problemas mais importantes de nossa evolução histórica, remontando à própria Inconfidência Mineira. As Constituições de 1981, 1934 e 1946 acolheram, expressamente, as aspirações gerais nesse sentido, estabelecendo de forma taxativa que a transferência se faria para o planalto central do País, sendo que a Constituição em

vigor ainda foi mais explícita do que as anteriores, formulando, inclusive, normas para a localização da futura Capital e estabelecendo o processo para a aprovação do local e início da delimitação da área correspondente, a ser incorporada ao domínio da União.

De acordo com os dispositivos constitucionais, várias comissões técnicas foram organizadas para proceder aos estudos necessários, em 1892, 1946 e 1953, tendo essas comissões desempenhadas de sua tarefa com eficiência, zelo e patriotismo, prestando relevantes serviços ao País.

Os resultados de todos esses prolongados esforços são bem conhecidos dos Senhores Membros do Congresso Nacional, que ao assunto têm dedicado atenção constante. Dispensamo-me, por esse motivo, de recapitular os trabalhos das diversas comissões, não só técnicas, como das próprias comissões da Câmara e do Senado. Desejo apenas salientar que a última Comissão nomeada para realizar estudos relativamente à localização apresentou seu relatório final, que foi encaminhado ao Congresso, tendo esse decidido sobre a “posição” da futura Capital, através da lei nº 1 803, de 5 de janeiro de 1953.

Promulgada a lei nº 1 803, e de acordo com os seus termos, o Presidente da República, em despacho de 5 de agosto de 1955, homologou o relatório da Comissão de Localização sobre a demarcação do sítio escolhido pelo Congresso Nacional.

Com isso, cumprida a etapa de estudos preliminares, e homologada a delimitação da área, foi a Comissão de Localização transformada em Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital.

É necessário, agora, que o Congresso Nacional considere novamente o assunto, a fim de criar as condições indispensáveis aos procedimentos das

medidas concretas que visem a assegurar oportunamente o cumprimento do preceito constitucional relativo à transferência da Capital da República. Disso cogita, especialmente, o projeto de lei que ora tenho a honra de encaminhar à consideração de Vossas Excelências e que, em seu artigo 1º, dispõe sobre a aprovação legislativa à delimitação estrita da área escolhida, e, em seus artigos subseqüentes, sobre a organização e funcionamento da Campanha Urbanizadora da Capital Federal, com a finalidade precípua de promover o planejamento e execução do serviço de localização, urbanização e construção da futura metrópole nacional, bem como os demais atos de interesses da mesma finalidade.

Entende o Governo que a mudança da Capital, nos termos em que a estabeleceu a Constituição, deve ser levada a efeito progressivamente, num quadro de extrema prudência e bom senso, pois esse programa pressupõe e consubstancia uma série de medidas da maior importância e complexidade, efetuando, a um só tempo, elementos de ordem econômica, social, administrativa e política. O projeto que ora apresentado contempla esse desiderato, procurando, através da Companhia Urbanizadora, que se organizará segundo tipo uma empresa industrial do Estado, atendendo a precedentes felizes como a criação da Petrobrás, estabelecer condições eficientes de operação para o início e realização gradativos de projeto de tanta significação e relevância. Convém ressaltar ainda que, segundo os estudos realizados e tendo em vista a experiência de Belo Horizonte e, mais recentemente, de Goiânia, as despesas com o empreendimento se limitarão praticamente aos créditos já concedidos pelo Congresso e ao de Cr\$30.000.000 (trinta milhões), de que cogita o artigo 10, item IV, do projeto de apreço, uma vez que o produto de alimentação das áreas destinadas e particulares

será suficiente, segundo se estima, para as necessidades da construção da futura Capital.

Estou certo de que o Congresso Nacional dedicará ao assunto a atenção que lhe ditarem seus sentimentos de patriotismo e sua exata noção de interesse público.

(Anápolis) Goiânia, em 18 de abril de 1956.

Juscelino Kubitschek

ANEXO 2

ANEXO 3

Para uma compreensão dos dados que estão no quadro em anexo os primeiros números demonstram a quantidade de igrejas que a denominação possui e os segundo números são dos pastores que estão filiados à denominação. Quando houver número isolado em um quadro é representando a igreja, pois não consta pastor na época em que foi pesquisada. O Guia dos Evangélicos de Anápolis leva em consideração que os Adventistas são evangélicos, o que para algumas denominações não admitem como pertencentes ao seguimento dos evangélicos no cristianismo. Mas porque estão relacionados como evangélicos no guia de evangélicos de Anápolis é que decidimos mantê-los nesta relação.

QUADRO DEMONSTRATIVO DOS EVANGÉLICOS DE CIDADE ANÁPOLIS DE 1996 A 2002

IGREJAS	1996	1997	1998	1999	00/01	02/03
Adventista 7º dia	8/2	10/2	10/1	10/2	12/2	17/2
Assembléia de Deus Betesda				1	1/1	1/1
Assembléia de Deus do Jardim Calixto					1/1	1/1
Assembléia de Deus Filadélfia					2/2	2/2
Assembléia de Deus Madureira Vila Nova					4/4	4/4
Assembléia de Deus Ministério Anápolis	62/55	62/63	66/51	73/91	78/77	76/203

Assembléia de Deus Ministério Canaã					1/2	1/1
Assembléia Deus Ministério Independente					1	2/1
Assembléia de Deus Ministério Madureira	33/32	33/32	28/24	34/44	42/42	51/51
Assembléia De Deus Ministério Missão	1					3/3
Assembléia De Deus Ministério Pr Carneiro	5/5	5/5	4/5	4/5		
Assembléia de Deus no Brasil					2/1	
Assembléia de Deus Seta					7/7	7/7
Avivamento Mundial	1	1	1		1/1	1/1
Batista Apostólica						1/1
Batista Brasileira	13/5	14/5	14/5	14/4	16/5	13/12
Batista Independente	1	1/1	1/1	1/1	1/1	1/1
Batista Nacional Renovada	4/4	4/4	4/4	4/4	5/5	7/7
Batista Regular	1/1	1/1	1/1	1/1	1/1	1/1
Casa de Oração e Missões			1/1	1/1		1/1
Casa de Oração para todos os Povos					1	1/1
Comunidade Cristã						1/1
Comunidade Cristã de Anápolis						1/1
Comunidade Cristã Vida Abundante						1/1
Comunidade de Cristãos						3/5
Comunidade Evangélica Efraim						1/1
Comunidade Evangélica Judá			1			1/1
Comunidade Evangélica Presbiteriana	1/1		1/1	1/1		1/1
Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra	1/1		1/1			1/1
Comunidades Evangélicas	7/14	7/13	6/15	8/16	12/23	12/23
Congregação Cristã do Brasil					1	1
Cristã Evangélica Avivamento	9/18	8/13	8/16	8/15	8/10	6/9
Cristã Evangélica do Brasil	7/19	7/19	9/17	10/18	11/18	12/17
Cristã Maranata	1	1	1	1	1	1
Cristo Verdade que Liberta	2/1	2/1				

Da Paz Ministério Luz para os Povos	2		2	2	2	1/1
Da Restauração de Anápolis	2/2		2/2	2/2	2/2	2/2
De Cristo Vida Nova	1/2	2/5	1/4	1/3	2/2	2/2
De Deus	1	1/1	1/1	1/1	1/1	1/1
De Recuperação Espiritual					1	3/2
Deus é Amor						3/2
Do Movimento Missionário	4/6	4/5	3/5	3/5	3/5	
Evangelho Quadrangular	28/28	28/28	27/26	37/35	41/43	40/42
Evangélica Assembléia Deus no Brasil	1	1	1	1		
Evangélica Ágape					1/1	1/1
Evangélica Boas Novas	2/3	2/4	1		1	1
Evangélica Cristo Salva	1/1		1/1	1/1	1/2	1/2
Evangélica em Anápolis			1/1			
Evangélica Família de Deus	4/5	4/5	4/4	2/3	2/3	2/2
Evangélica Fonte de Água Viva					1	1
Evangélica Monte Sião					1	1
Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo	6/4	6/4	6/4	6/4	5/4	5/4
Evangélica Renovada Maranata						1/1
Evangélica Vida	1/2		1/6	11/		2/3
Internacional da Renovação						1/2
Metodista	2/1	2/1	2/1	2/1	2/1	2/1
Missão Evangélica Ágape			2	1/1		2/1
Ministério Rio de Vida						1/1
Ministério Rocha Viva						1/7
Ministério Tempo da Graça				1/1		
Movimento Missionário						3/6
Obra Militante Tempos de Restauração						2/2
Pentecostal Deus é Amor	4/2	3/2	2/2	2/2	3/1	3/1
Pentecostal Chama do Espírito Santo						1/1

Pentecostal Esconderijo do Altíssimo	10/1	10/1	11/1	9/1	9/3	8/3
Pentecostal Estrela da Manhã					1	1
Pentecostal Jesus a Verdade que Liberta					1	1
Pentecostal Lírios dos Vale	1		1	1	4	3/1
Pentecostal Oliveira Verdadeira					2	2
Pentecostal Providência Divina					1	1
Pentecostal Rosa de Sarom	5	2	1	11	12	8
Presbiteriana do Brasil	8/15	8/13	8/13	10/18	10/18	12/16
Presbiteriana Independente do Brasil	5/2	6/3	6/3	6/3	6/3	4/1
Presbiteriana Renovada	5/11	6/10	6/7	7/7	9/8	8/8
Renascer					1	
Santuário de Cristo					1	1
Tabernáculo da Fé						½
Tabernáculo da Vida					1	1
Templo da Bênção	1/1	1/1	1			1/1
Universal do Reino de Deus	3/2	3/4	2/4	2/4	4/4	4/4
Videira						1/1

Os dados obtidos dos anos de 1996 a 2002 são do Guia dos Evangélicos de Anápolis. Anápolis: Missão Vida, 2002. Os de 2002 são da pesquisa de campo realizada e que foram confrontados com os do Guia dos Evangélicos de Anápolis 2002/2003.